

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS RESTINGA

ESTEFANI MICHELS

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO E O MERCADO ESPORTIVO: EVENTOS
PARA O PÚBLICO LGBT+

PORTO ALEGRE
2019

ESTEFANI MICHELS

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO E O MERCADO ESPORTIVO: EVENTOS
PARA O PÚBLICO LGBT+

Trabalho de conclusão apresentado junto ao Curso Superior de Gestão Desportiva e do Lazer do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul — Campus Restinga, como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Desportiva e de Lazer.

Orientadora: Prof^a. Dra. Tatiana Teixeira Silveira

Aprovada em julho de 2019.

Dra. Tatiana Teixeira Silveira

Me. Sandro Ouriques Cardoso

Me. Helena Patini Lancellotti

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus guias, que me acompanham e dão forças para superar as dificuldades por aqui vividas.

Agradeço minha família, em especial minha mãe e meus três irmãos maravilhosos, também é por vocês essa conquista.

Agradeço o empenho de minha noiva Sheyla Souza, que caminhou junto comigo desde o momento que entrou na minha vida, pela paciência, por aturar o dia-a-dia dedicado a este trabalho, ao apoio em todos momentos difíceis para elaboração do mesmo.

Em especial agradeço minha orientadora Tatiana Silveira por ter aceitado o desafio e se dedicado desde o início ao projeto de pesquisa, sua orientação foi fundamental, eternamente grata por toda atenção, sou admiradora do seu trabalho.

Agradeço aos colegas que caminharam juntos ao longo desses 3 anos, todo o apoio e parceria desde o início do curso.

Agradeço a uma amiga e colega, Evelise Lima foi graças a ela que ingressei no curso e estamos novamente concluindo mais uma etapa juntas.

Agradeço ao Campus Restinga/IFRS por essa oportunidade, uma instituição sensacional.

Agradeço aos/as professores/professoras pela troca de aprendizado, com certeza foram figuras essenciais em minha formação.

Agradeço ao colaborador pesquisado por possibilitar a entrevista e execução deste trabalho.

Agradeço a banca examinadora pelo interesse e disponibilidade em se fazer presente nesse momento.

Por fim, não menos importante, agradeço aos funcionários da instituição por proporcionaram um ambiente propício para o desenvolvimento das aulas e demais atividades.

RESUMO

Os discursos sobre a diversidade sexual e de gênero, mercado e a gestão, influenciam no planejamento, organização, divulgação e realização de eventos esportivos para o público LGBTQ+, esse é o motivo de procurar compreender sobre a organização e implantação de eventos esportivos para o público LGBTQ+. O objetivo dessa pesquisa foi analisar de que forma a diversidade sexual e de gênero é promovida no mercado esportivo, assim como refletir sobre a importância da diversidade no esporte. A partir de uma entrevista qualitativa realizada com o presidente da equipe Battel Force, organizadora desses eventos, notou-se a importância de ações afirmativas como os Jogos da Diversidade, seguido da SuperLiga LGBTQ+. Toda organização desses eventos depende de um viés privado juntamente com o poder público. Os eventos esportivos para o público LGBTQ+ só irá progredir se alguém do meio político visualizar a importância da causa e a sociedade por si aceitar a diversidade como igualdade. Destaca-se também sobre a movimentação econômica significativa durante a realização dos Jogos e demais eventos para esse público específico. O público LGBTQ+ está se empoderando, ocupando espaços na qual todos temos direitos e isso incomoda, a partir do momento que este público tem uma visibilidade positiva, acaba interferindo aos demais que não apoiam a causa. Este estudo surge de maneira que possa fomentar esse ramo de eventos para o público LGBTQ+, trazendo aspectos positivos e justificando o porquê não tem o mesmo patrocínio de eventos heteronormativos e tamanha sua importância para a sociedade.

Palavras-chave: esporte; mercado; diversidade sexual e de gênero; gestão; LGBTQ+.

ABSTRACT

Discourses on sexual and gender diversity, market and management influence the planning, organization, dissemination and holding of sports events for the LGBT+ public (lesbians, gays, bisexuals, transvestites and transsexuals, among others), which is the reason for seeking to understand about the organization and implementation of sports events for the LGBT+ public. The objective of this research was to analyze how sexual and gender diversity is promoted in the sports market, as well as to reflect on the importance of diversity in sports. Based on a qualitative interview conducted with the president of the Battel Force team, organizer of these events, the importance of affirmative actions such as the Diversity Games was noted, followed by the LGBT+ SuperLeague. Every organization of these events depends on a private bias together with the public power. Sporting events for the LGBT+ public will only progress if someone from the political world sees the importance of the cause. It also highlights the significant economic movement during the Games and other events for this specific audience. The LGBT+ public is empowering itself, occupying spaces in which we all have rights and this bothers them, since this public has a positive visibility, interfering with others who do not support the cause. This study emerges in a way that can foster this branch of events for the LGBT+ public, bringing positive aspects and justifying why it does not have the same sponsorship of heteronormative events and its importance for society.

Keywords: sport; market; sexual and gender diversity; management; LGBT+.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. JUSTIFICATIVA.....	09
3. METODOLOGIA.....	11
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4.1. LGBT: histórico e inserção no esporte.....	13
4.2. LGBT no esporte.....	18
4.3. Administração de eventos.....	21
4.4. Organização de eventos.....	24
4.5. Mercado e marketing esportivo.....	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
5.1. Jogos da diversidade.....	29
5.2. Battel Force	30
5.3. Superliga LGBT+	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE A — ROTEIRO ENTREVISTA.....	41
APÊNDICE B — PROJETO LIGA ESTADUAL LGBT DE VÔLEI	43
APÊNDICE C — REGULAMENTO SUPERLIGA LGBT DE VOLÊI.....	51
APÊNDICE D — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO....	58

1. INTRODUÇÃO

O Curso Superior de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer (GDL) do Campus Restinga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) tem como objetivo geral a formação de profissionais aptos a gerenciar, articular e coordenar atividades nos setores de esporte, cultura, turismo, lazer e recreação (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO GDL, 2018, p. 18).

A Política Nacional do Esporte (2005), elaborada pelo Ministério do Esporte, indica que mesmo o esporte brasileiro nutrido da proporção internacional pelos resultados obtidos através dos eventos realizados e que seu acesso é um direito a ser garantido a todo cidadão brasileiro, nota-se que ao longo dos anos o esporte está longe de ser um **direito de todos** (*grifo meu*).

Em razão disso, a questão norteadora deste estudo é como os discursos sobre a diversidade sexual e de gênero, mercado e a gestão, influenciam no planejamento, organização, divulgação e realização de eventos esportivos para o público LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais entre outros)?

A partir disso, o presente trabalho tem por objetivo investigar a organização e divulgação de eventos esportivos para o público LGBT+, de forma a torná-los visíveis para a sociedade. Especificamente, analisar de que forma a diversidade sexual e de gênero é promovida no mercado esportivo, assim como refletir sobre a importância da diversidade no esporte.

Para responder à questão norteadora deste estudo foi realizado uma entrevista com o responsável pela equipe organizadora do evento esportivo Jogos da Diversidade. A entrevista contou com um roteiro previamente estruturado, buscando o entendimento sobre organização de eventos para o público específico bem como sua relação no meio do esporte.

2. JUSTIFICATIVA

A partir da análise do Projeto Político Pedagógico do curso de Tecnologia em Gestão Desportiva e de Lazer do Campus Restinga/IFRS, percebe-se que o mesmo menciona a promoção de espaços para discussões e práticas de lazer referente aos

temas transversais, especificamente, diversidade de gênero (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO GDL, 2018, p. 18). Porém, durante o percurso formativo, apenas foi oportunizado um momento para discussão da temática, realizada através da visita técnica a ONG SOMOS¹, que ocorreu no mês de outubro de 2018, durante o 5º semestre, proporcionada pela disciplina de Projeto Social. O objetivo dessa visita era compreender de que forma um projeto social é desenvolvido a partir de uma Organização Não Governamental (ONG), como ocorre a captação de verbas e as leis de incentivo para o terceiro setor. Esse debate foi possível pois a Organização trabalha exclusivamente com a comunidade LGBTQ+. A partir disso, a motivação para a pesquisa aqui proposta e o efetivo trabalho de conclusão do curso de Gestão Desportiva e de Lazer, surge através da carência de debates e produção de conhecimento da temática e organização de eventos esportivos específicos para esse público.

Mesmo sendo um dos maiores públicos no mercado consumidor, conforme o site Out Leadership² (2010), e com um público estimado em 18 milhões (Associação Brasileira de LGBTQ+, 2012), o impulso ao esporte para essa população ainda é pouco divulgado e incentivado. Existem alguns eventos esportivos LGBTQ+ que foram sediados em Porto Alegre, como o GayPrix de vôlei em 2018 e a Champions Ligay que ocorreu a primeira edição no ano de 2017. Contudo, ainda são eventos isolados e pouco veiculados e difundidos na mídia tradicional. A invisibilidade da comunidade LGBTQ+ no mercado esportivo tem implicações tanto na perpetuação de padrões de existência heteronormativos, como também na disseminação de preconceitos e homofobia, e como resultado há reflexo destes fatos nos espaços acadêmicos e profissionais.

Em Porto Alegre existe uma equipe poliesportiva LGBTQI+³ chamada Pampacats que surgiu:

¹ A ONG Somos - Comunicação, saúde e sexualidade é um grupo de Porto Alegre que problematiza questões transversais com ênfase em direitos humanos, principalmente os direitos reprodutivos e sexuais: "A trajetória do SOMOS iniciou-se em 10 de dezembro de 2001, quando ele foi fundado por militantes advindos/as das áreas de luta contra a aids e do movimento LGBTQ+. A proposta era desenvolver ações sociais com abordagens inovadoras direcionadas à comunicação e à saúde". (QUEM..., 201-).

² Out Leadership é um site que divulga índices sobre retorno à igualdade. Nas Américas, Europa, Ásia e Austrália, a Out Leadership ajuda CEOs (Diretores Executivos) e empresas globais a catalisar novas oportunidades de negócios, acelerar o crescimento profissional e o desenvolvimento de talentos e defender a igualdade LGBTQ+. Conta com mais de 70 empresas mais influentes do mundo e seus líderes como membros, impulsionamos negócios, talentos e igualdade desde a primeira cúpula em 2011.

³ Existem diferentes siglas para definir a inclusão de determinada população no que se refere ao gênero/orientação sexual. O termo mais utilizado é o LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), no entanto existem variações desse termo, a utilização dele no Brasil foi a partir do ano de

Impulsionados por uma campanha nacional voltada a inclusão de homens gays no futebol, os PampaCats surgiram como a primeira equipe poliesportiva gay do sul do país. Atualmente contam com 8 modalidades: basquete Masculino, Corrida Unissex, Futebol Feminino, Futebol Masculino, Handebol Feminino, Handebol Masculino, Jiu-jitsu Unissex e Vôlei Masculino (SOBRE; 201-).

Baseado no que foi descrito é notória a importância da difusão de eventos esportivos para este público específico, que ainda são motivos de represálias devido a discriminação de gênero e sexual que permanece em nossa sociedade. Através do fomento ao esporte pode-se causar um impacto social, apropriando-se de espaços no qual todos têm direitos, amparado inclusive em nossa Constituição em seu artigo 5º:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988).

Conforme o Art 217, da Constituição Federal:

É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados: I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento; II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento; III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional; IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional. § 1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei. § 2º A justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final. § 3º O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social (BRASIL, 1988).

3. METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa foi utilizado como metodologia o estudo de caso, pelo propósito de reunir informações detalhadas sobre o evento analisado (Jogos da Diversidade) e a questão norteadora deste estudo, ou seja, como é planejado, organizado, divulgado e realizado um evento específico para a comunidade LGBTQ+. Llewellyn e Northcott (2007) enfatizam que esse é um procedimento metodológico que utiliza entendimentos contextuais, sem esquecer-se da representatividade, centrando-se na compreensão da dinâmica do contexto real. Poit (2013, p. 77) explica que:

2008 (VANNUCHI, 2008). Esse trabalho utilizará a sigla LGBTQ+, no entanto, em informações de outras referências utilizadas aparecem também a letra Q, que se refere a Queer e o sinal de + para englobar outras identidades/sexualidades, como por exemplo intersex, assexual, entre outros que não estão representadas pelas letras originais.

Um evento padrão normalmente segue uma sequência lógica de execução e este encadeamento é dividido em cinco fases fundamentais: ideia concepção; projeto do evento e/ou para captação; pré evento, planejamento e organização; evento trans-evento realização.

Esse trabalho se define como uma pesquisa qualitativa que compreendeu o fenômeno do esporte e sua interação com um público específico e a consequente influência na sociedade. Zanelli (2002, p. 83) diz que, o principal objetivo da pesquisa qualitativa “é buscar entender o que as pessoas apreendem ao perceberem o que acontece em seus mundos”. De cunho exploratório, resulta de um levantamento bibliográfico e entrevista com responsável da organização do evento escolhido para estudo. Para o trabalho em questão, o objeto escolhido para análise foi os Jogos da Diversidade, á partir da entrevista com o Gestor desse evento esportivo.

Inicialmente a pesquisa ocorreu através da revisão de literatura. Conforme Gerhardt e Silveira (2009) revisão de literatura ou revisão bibliográfica, é a fase da pesquisa em que se recolhem informações documentais sobre os conhecimentos já acumulados acerca do tema da pesquisa. Literatura significa, nesta expressão, o conjunto de obras científicas, filosóficas, etc. sobre determinado assunto, matéria ou questão.

No instrumento de avaliação foi realizada uma entrevista semiestruturada. A entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro (apêndice A) contendo tópicos através da problemática central (HAGUETTE, 1995). A entrevista semiestruturada permite que o entrevistado tenha liberdade para responder de forma mais espontânea as questões propostas. Neste tipo de entrevista, o entrevistador tem um conjunto de questões predefinidas, mas mantém liberdade para colocar outras cujo interesse surja no decorrer da mesma.

A entrevista foi realizada no mês de maio de 2019 na cidade de Canoas. Canoas fica situada no Rio Grande do Sul, distante 19 km de Porto Alegre, teve a duração de uma hora e quinze minutos. O roteiro possuía 28 perguntas e foi dividido em quatro blocos: apresentação do entrevistador, da instituição, do curso e da proposta e objetivos do Trabalho de Conclusão de Curso; formação e experiência do entrevistado; organização dos jogos e por último o cenário esportivo para o público LGBT+.

O entrevistado, Jorge Martins, é o atual presidente da equipe Battel Force, atua como organizador de eventos para o público LGBTQ+ desde 2012, onde já promoveu cerca de 6 eventos direcionado para esse público específico.

Trata-se de um homem branco, alto, que possui formação em Direito pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), pós-graduado em direito do trabalho e processo do trabalho, pós-graduação em Direito do Processo Civil pela Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e atualmente é doutorando em direito pela Universidade de Buenos Aires na Argentina. Trabalha na sua área de formação como profissional liberal.

A convite do entrevistado prestigiei a Superliga LGBTQ de vôlei em maio, com intuito de explorar como o mesmo organiza esses eventos esportivos. Esse evento foi realizado na unidade do Serviço Social do Comércio (SESC), no bairro Navegantes, em Porto Alegre/RS. O objetivo deste evento era romper a discriminação, promovendo a integração de atletas com a comunidade.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. LGBTQ+: histórico e inserção no mundo do esporte

O movimento pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais entre outros no Brasil começou a partir de reuniões em espaços sociais, como bares e clubes nos anos 1970, em plena ditadura (1964-1985). Eram nesses espaços que publicações LGBTQ+ circulavam. Elas serviram de referência numa fase inicial de organização do movimento. (FÁBIO, 2017)

Segundo Ferrari (2003, p.105), “o movimento que defende os Direitos dos LGBTQs teve início na Europa, no final do século passado, tendo como principal bandeira a não criminalização da homossexualidade e a luta pelo total reconhecimento dos direitos civis dos LGBTQs”.

Segundo Altman (1996, p. 5):

Um número significativo de pessoas [...] começou a ligar o debate sobre a homossexualidade com outros temas contemporâneos: representação, autenticidade, posicionamento, o corpo, etc. Este movimento teve a vantagem

de retirar do gueto os estudos *gays* e lésbicos, de modo a que os temas e questões homossexuais começassem a ser discutidos em contextos mais amplos.

Em 1979, o jornal da época conhecido como *Lampião da Esquina* foi o primeiro jornal com temática homossexual. No qual oportunizou um espaço para lésbicas escreverem um artigo chamado “Não somos anormais”. Em 1981, elas criam um novo jornal, chamado *Chanacomchana* e iniciam suas vendas em um bar em São Paulo, devido a não aprovação pelos donos do estabelecimento, as mulheres lésbicas são expulsas do local. No dia 19 de agosto de 1983, elas contam com apoio de mulheres lésbicas feministas e driblam a segurança do bar e conseguem reverter a proibição do jornal através de um ato político, esse ato foi comparado com o revolta de Stonewall, de 1969, onde LGBTs revidaram uma ação policial em Nova York. No decorrer dos anos, o dia 28 de junho fica reconhecido como o dia do Orgulho LGBT (FÁBIO, 2017).

A data que ficou como marca na história do moderno movimento gay mundial foi 28 de junho de 1969, quando a rebelião de GLBTT contra as arbitrarias batidas policiais no Bar Stonewall, em Nova Iorque. No primeiro aniversário da rebelião, 10 mil homossexuais, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam, sobre as ruas de Nova Iorque, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando pelos seus direitos. Desde então ‘28 de Junho’ é considerado o Dia Internacional do Orgulho GLBTT. (REIS, 2007, p. 101-102)

Desenhada pelo artista plástico Gilbert Baker em 1977, a bandeira LGBT é formada por um conjunto de 6 cores, traçados horizontalmente: o roxo que significa o espírito, o desejo de vontade e a força, o azul que significa as artes e o amor pelo artístico, o verde que simboliza a natureza e o amor pela mesma, o amarelo que simboliza o sol, a luz e a claridade da vida, o laranja que simboliza a cura e o poder e o vermelho que significa o fogo, a vivacidade.

Figura 1. Bandeira LGBT: Cores



Fonte da Imagem: Site Curiosidades. Disponível em:

<https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/por-que-o-arco-iris-representa-a-bandeira-lgbt-e-o-que-cada-cor-significa.html>.

Além de ser um ícone na cultura LGBT, a bandeira foi usada na segunda guerra mundial, sendo reconhecida por um ato de paz, após LGBTs serem mortos nos campos de batalha, que para serem identificados eram bordado um triângulo rosa em suas roupas. (LGBT, s/d)

O fim da ditadura militar fazia surgir e reforçava um sentimento de otimismo cultural e social que atingia a todos. A abertura política possibilita sonhar com uma sociedade mais democrática, igualitária e justa e, mais especificamente, trazia a esperança para o movimento gay de uma sociedade em que a homossexualidade poderá ser celebrada sem restrições (FERRARI, 2004, p. 105).

No dia 8 de junho de 2008 a Conferência Nacional GLBT, promovida pelo Governo Federal e representantes de delegados nacionais, definem a terminologia LGBT, tornando a ação conjunta de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT, 2015). Neste manual constam definições a respeito da sexualidade:

Lésbicas: mulher que é atraída afetivamente e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero. Não precisam ter tido, necessariamente, experiências sexuais com outras mulheres para se identificarem como lésbicas;

Gays: usa-se este termo para indicar o homossexual masculino. No entanto também pode indicar o homossexual feminino, assim como a comunidade homossexual em geral;

Bissexual: é a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros. Bi é uma forma reduzida de falar de pessoas bissexuais;

Transgênero: Terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros. São pessoas cuja identidade de gênero transcende as definições convencionais de sexualidade.

Transexual: Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) a sua identidade de gênero constituída.

Travesti: pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém, vale ressaltar que isso não é regra para todas (definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008). Utiliza-se o artigo definido feminino “A” para falar da travesti (aquela que possui seios, corpo, vestimentas, cabelos, e formas femininas).

[...] a especificação de categorias como lésbicas, travestis e transexuais pode ser compreendido como escolhas, feita a partir de um leque de possibilidades – que com o incentivo da globalização e da grande circulação de informações, passam a trazer referências criadas em outros contextos culturais ou no âmbito de iniciativas de outra natureza, como a academia [...] Há um processo de ressignificação e um contexto político-cultural local que permitem a demanda por novas categorias ou estilos e que influenciam a apropriação de determinada categoria ou estilo e não de outra. (FACCHINI, 2005, p. 181)

O termo orientação sexual refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. Basicamente, há três orientações sexuais preponderantes: pelo mesmo sexo/gênero (homossexualidade), pelo sexo/gênero oposto (heterossexualidade) ou pelos dois sexos/gêneros (bissexualidade). Estudos demonstram que as características da orientação sexual variam de pessoa a pessoa.

O gênero é um conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do movimento feminista. Foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão

social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é construída pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.

O estudo de gênero e sua compreensão surgem pela forma como a cultura expressa as diferenças entre homens e mulheres e de que modo a caracterização das diferenças inerentes ou aprendidas entre os sexos pode servir como ponto auxiliar para compreensão da exclusão das pessoas que vivem a experiência homoerótica como entes capazes de direitos e obrigações (OLIVEIRA, 2009, p. 161).

Já o que nomeamos de sexo biológico é o conjunto de informações cromossômicas, órgãos genitais, capacidades reprodutivas e características fisiológicas secundárias que distinguem machos e fêmeas.

A sexualidade refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam nas ciências sociais, significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai transformando e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas.

A identidade de gênero é uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos e outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. Identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico. Trata-se da convicção íntima de uma pessoa de ser do gênero masculino (homem) ou do gênero feminino (mulher).

Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de

outro lado, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada. (BRITZMAN, 1996, p. 74)

4.2. LGBT+ no esporte

Pereira, Alfaia & Lima (2014) afirmam que a discriminação contra LGBT+ está em diversos contextos sociais. No futebol há uma repulsão fortemente evidenciada, por ser um meio de homens ou para homens onde a masculinidade é reforçada.

A respeito da hierarquização esportiva, no século XX, Smigay (2000) destaca uma diferenciação dos esportes e práticas de lazer: às mulheres estimula-se a ginástica e o ballet, para fins de conformação dos corpos e aos homens incita-se esportes competitivos, para fortalecer o corpo e exercitar o convívio regado entre igualdades. Percebe-se o favoritismo grupal.

Romanelli (2013) diz que além da dificuldade de abordar questões de gênero no meio esportivo, os LGBTs enfrentam um desafio maior, a homofobia, o autor também ressaltam que o COI (Comitê Olímpico Internacional) e a FIFA (Federação Internacional de Futebol), nunca se posicionaram firmemente contra a homofobia e omitem esse assunto.

Nos Estados Unidos, em 1982, foram criados os Jogos Olímpicos Gays, com o intuito de agregar esportistas que não se enquadravam na heterossexualidade, dentre eles, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. Os jogos Gays tiveram a iniciativa de um decatleta chamado Tom Waddell. O objetivo de Waddell era além de inserir os LGBT+ no esporte também tornar-se direito. No decorrer do processo de organização, Waddell foi proibido de usar a nomenclatura de “Olimpíada” para se referir aos jogos gays e o mesmo passou a ser chamado de Gay Games, cujo foi um evento de sucesso na época, objetivando desde sempre dar visibilidade aos/as atletas e outros sujeitos excluídos do cenário esportivo. (WADDELL, 2016)

Partindo da proposta idealizadora do Gay Games, o mesmo construiu uma Federação dos Gay Games, expandindo mercadologicamente o evento junto com

patrocínios, divulgação e comercialização de produtos vinculados a sua marca. (WADDELL, 2016).

Conforme Leick (2019), os maiores eventos para a população LGBTQ+ que ocorre no Brasil são: a Champions Ligay, a Taça Hornet de futebol da Diversidade, os Jogos da Diversidade (SP), o Gay Surf Brasil, a SuperLiga LGBTQI+ de vôlei e o GayPrix de Vôlei.

Para nosso entrevistado, o mercado de esportes para o público LGBTQ mudou significativamente:

O cenário dos LGBTQs no esporte já mudou. Depois da edição do Gaygames no ano passado. Para divulgação dos jogos no final de 2016 o Barack Obama apareceu dando as boas-vindas para as Olimpíadas que aconteceu em Miami, nos Estados Unidos. Imagina o presidente dos Estados Unidos dando boas-vindas para os gays. A publicidade explodiu a partir daquele momento em termos de visibilidade das empresas para o público LGBTQ. O Gaygames é uma olimpíada onde reuniu times de 115 países. Miami economicamente percebeu que era um nicho de mercado, rede hoteleira, rede restaurante, rede de boates e o superávit foi lá em cima. Eles queriam os jogos, observa-se o quanto isso pode movimentar a economia de uma cidade. O público LGBTQ é o maior consumidor em todos os sentidos. São casais que não têm filhos, são casais que estão pela questão da segregação social eles têm uma certa posição do mercado, todos eles trabalham. Eu sempre digo que por uma questão de visibilidade precisa ter um emprego, uma profissão. Porque as pessoas só vão te respeitar por aquilo que você é, aquilo que você representa. Os LGBTQs vão em busca de cursos, eles investem em si, na roupa, no carro, em uma boa viagem (MARTINS, 2019).

Contudo, questiono se realmente todos os LGBTQs vão em busca dos tais nichos citados pelo entrevistado. Não por falta de interesse, mas por falta de oportunidades em conseguir um emprego melhor e arcar com estes gastos. A população LGBTQ, devido à não adequação de gênero com o sexo biológico ou à identidade sexual não heteronormativa, tem seus direitos humanos básicos agredidos, e muitas vezes se encontram em situação de vulnerabilidade, não acessando aos serviços oferecidos para quem possui certo rendimento financeiro.

Atualmente, o vôlei no Brasil sofreu com polêmicas sobre uma atleta trans chamada Tiffany, a mesma foi questionada por seu desempenho em quadra, por fazer parte de uma equipe feminina e sofrer preconceito referindo-se ao seu sexo biológico, pois a percepção de algumas pessoas, incluindo técnicos e atletas do mesmo esporte, afirmavam que seria um homem no meio feminino e que obteria vantagens pela força física. O caso foi analisado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e pela Federação

Internacional de Vôlei (FIVB), onde ambas instituições permitem a participação de atletas trans, desde que cumpra os requisitos específicos de testagem de níveis de testosterona. Tiffany iniciou o processo de transição aos 29 anos e aos 31 voltou a jogar profissionalmente na Itália e hoje compõe a equipe do Sesi - Bauru de São Paulo. (MARTINELLI, 2019)

Martins (2019) analisa o esporte profissional e a inserção de pessoas LGBT+:

Os eventos para a comunidade LGBT teve um crescente devido a dificuldade de serem inseridos no meio heteronormativo. Obriga-se a realização dos mesmos para que possam ocupar os espaços de maneira que não sejam repreendidos pela orientação sexual. Apesar de equipes profissionais ter a participação de trans, ainda são minorias e infelizmente não existe nenhuma liga profissional ainda e percebe-se que quando a visibilidade é boa existe resistência. Temos o caso da Tiffany se ela fosse realmente tudo que falaram, por ter o sexo biológico de origem masculina o time dela não teria ficado em quarto lugar na liga. Se ela fosse tudo isso mesmo a equipe dela tinha ganho.

Existe de certa forma no discurso sobre a superioridade do rendimento físico de homens sobre mulheres, executado a partir da testagem do hormônio masculino (testosterona) e das construções culturais em torno da força física, um subterfúgio recorrente para práticas de transfobia, o caso da Tiffany ilustra essa situação no esporte. Sobre a participação de pessoas trans nos Jogos da Diversidade, nosso entrevistado relata que:

Nas primeiras edições a adesão dos atletas trans por uma questão de aceitação da sociedade ficavam mais isolados e não tinham interesse em participar. Até porque os homens trans também não queriam entrar devido ao sexo biológico, ele já foi uma mulher e tinha medo da violência, da agressividade do jogo então as pessoas tinham um pouco de receio. Então nas primeiras edições dos jogos não tinha nenhum trans. (MARTINS, 2019, s/p)

Outro acontecimento polêmico quanto às discussões de gênero no esporte ocorreu no atletismo, envolvendo a atleta sul-africana Caster Semenya, cujo organismo possui um nível de testosterona acima do normal relativo ao gênero feminino, o chamado hiperandrogenismo. Segundo a Federação Internacional de Atletismo (IAAF) as atletas que possuírem essa alteração hormonal são instruídas a tomar medicamentos para normalização dos hormônios, a não normalização resulta na proibição da participação nas competições, tal atitude foi denunciada por atletas e por assembleias, pois não é correto o IAAF obrigar mulheres a se medicar, sendo que é uma ação natural de seu organismo. O Tribunal Arbitral do Esporte (TAS) julgou atitude discriminatória do IAAF, mas mesmo assim julga “necessárias, razoáveis e

proporcionais” para preservar a integridade do atletismo feminino. Além dessa questão, a atleta também é questionada sobre a sua aparência e conseqüentemente seus recordes esportivos. A Revista Science publicou uma pesquisa em 2015 sobre o rendimento de atletas mulheres trans e cita o caso de Caster Semenya:

A corredora sul-africana Caster Semenya, que sempre competiu em provas femininas e conquistou a medalha de ouro em 2016 no Rio de Janeiro, Brasil, recentemente voltou a atenção para a questão da testosterona. Em 2019, a Federação Internacional de Atletismo (IAAF) — com sede em Mônaco e órgão responsável pelas provas de atletismo — exigiu que a atleta realizasse um teste de verificação sexual depois que ela ultrapassou competidores na prova de 800 metros no Mundial de Atletismo. Os resultados, vazados durante a competição, supostamente revelaram que Semenya era intersexual e possuía três vezes mais testosterona que uma mulher. No entanto, nem ela nem a IAAF confirmaram publicamente. (KORNEI, 2018, s/p, tradução minha)

Existem alguns estudos no Brasil sobre a questão do doping e a sexualidade de atletas, como o caso da nadadora Rebeca Gusmão que foi banida do esporte em 2007, os discursos generificados, usualmente subordinados a hormonização, definem um lugar para a população LGBTQ+ no esporte, que está geralmente vinculado às mulheres, a sua aparência e atributos físicos, o questionamento de gênero e as conseqüentes fobias e seus recordes no esporte (SILVEIRA; VAZ, 2016).

Enquanto a população LGBTQ+ luta pelo espaço na sociedade, as mulheres também lutam, a desigualdade de gênero é explícita quanto a patrocínios, quanto a transmissão de jogos, quanto a remuneração e isso só afirma o quão machista e sexista é a sociedade brasileira.

4.3. Administração e os eventos

A partir de autores como Chiavenato (1993), toda organização tem objetivos baseados em iniciativas que se subdividem em processos para que sejam organizados para melhor sucesso. Para Chiavenato (1993, p.6), administração é:

Interpretar os objetivos propostos pela organização e transformá-los em ação organizacional por meio do planejamento, organização, direção e controle de todos os esforços realizados em todas as áreas e em todos os níveis da organização, a fim de alcançar tais objetivos da maneira mais adequada à situação.

A administração pode ser entendida como “a harmonia de um conjunto de quatro processos básicos: planejamento, organização, liderança e controle; caminhando de forma ordenada na direção dos objetivos traçados” (POIT, 2013, p. 37).

Ao organizar um evento é **imprescindível que se tenha claro entendimento do que é administração e administrar**. Justifica-se essa afirmação, pois qualquer evento, por menor que seja, é sempre administrado. (POIT, 2013, *grifo meu*)

Poit ainda corrobora, dizendo que “é uma complexa atividade que precede as outras funções básicas, que são: planejamento, organização, direção e controle” (2013, p. 37).

Planejar é identificar quais são os objetivos de uma entidade ou equipe de trabalho, quais os meios disponíveis para alcançá-los e quais as formas de utilizá-los. Por meio do planejamento, organiza-se as atividades complexas, define-se os objetivos, metas, coordena-se os meios e recursos disponíveis, e ainda, define-se as responsabilidades. (POIT, 2013)

Sobral e Peci (2008) apresentam duas atribuições do planejamento: definir o que deve ser feito (objetivos) e como deve ser feito (planos). Para Stoner (1999, p. 25): “planejar é a tomada de decisão antecipadamente, ou seja, o administrador definirá o melhor procedimento a ser seguido, para atingir seus objetivos”. Através do planejamento é analisado qualquer tipo de ameaça, sendo com ambiente externo e interno, essas tomadas de decisão devem estar detalhadas preventivamente para qualquer contratempo.

Os autores aqui citados corroboram com o mesmo princípio, dando ênfase na importância do planejamento e dos elementos necessários para que o mesmo obtenha sucesso. Conforme argumenta o entrevistado.

Em 2013 a gente fez a primeira realização dos Jogos da Diversidade em Canoas/RS, no ginásio do Centro Olímpico Municipal, tivemos o comparecimento de 8 equipes, bem bacana, começamos divulgar foi super interessante porque ali se formaram outras relações para outros times, para outros torneios, para outros amistosos e a coisa foi tomando uma proporção muito grande, resultando no sucesso do evento. (MARTINS, 2019)

Na organização é estabelecida uma estrutura formal de autoridade (hierarquia funcional). Essas autoridades são responsáveis pela coordenação e definição dos

métodos de trabalho para se atingir os objetivos propostos e alocar os recursos disponíveis de forma otimizada (POIT, 2013).

A organização de um projeto necessita seguir uma hierarquia, para que não haja informações perdidas no caminho, é de grande importância ter uma pessoa centralizada para a tomada de decisão e recepção das dúvidas e problemas que houver no percurso, tendo em vista o importante papel do gestor que direciona as tarefas relativas aos seus cargos.

Existe um responsável geral, no qual delega funções e acompanha o andamento das áreas. Cada integrante da equipe organizadora fica responsável por uma função como divulgação, comunicação, sonorização, captação de recursos, recepção dos atletas entre outras responsabilidades. Os responsáveis apresentam nas reuniões o andamento de cada um. (MARTINS, 2019).

A direção é a manutenção das rotinas específicas, o estímulo às iniciativas inovadoras, a sustentação de um alto grau de motivação e a interatividade entre os objetivos da entidade e os indivíduos que dela fazem parte. (POIT, 2013). Sobral e Peci (2008) definem que:

A direção é a função da administração responsável pela articulação da ação dos indivíduos no contexto organizacional. Ao contrário das outras funções da administração [...] a direção é um processo interpessoal e está relacionada com a administração das relações entre os membros organizacionais e a organização. (p. 199-200)

Com enfoque motivacional dos envolvidos preocupa-se com o direcionamento dos mesmos para o objetivo satisfatório: por exemplo que funcionário feliz produz mais, colaborando com o crescimento da organização e crescimento pessoal/profissional.

Conforme a realização dos primeiros eventos, já surgiu o pedido para fazer algo envolvendo mais modalidades como atletismo, natação, handebol, o pessoal super se interessam em participar. Mas isso envolve uma dedicação maior do que estamos acostumados, digo em relação ao local para realização, sabemos que teremos público então dependemos de um Complexo Esportivo para realização de todas modalidades em um só lugar. (MARTINS, 2019).

Define-se controle como a identificação de problemas internos ou externos e manutenção do processo de planejamento em um ciclo contínuo. Deve-se verificar de maneira permanente se as fases do processo estão de acordo com o programa adotado, bem como assinalar e encaminhar as falhas e erros que possam ser corrigidos. (POIT, 2013)

Para Stoner (1999, p. 25) “controlar é o ajuste do rumo que a organização está tomando, verifica se os gestores e/ou funcionários estão cumprindo o que foi proposto”.

Todo projeto segue um cronograma, sendo ele por SCRUM⁴ ou PMBOK⁵, o controle serve para verificar passo a passo do processo, para que não haja erros nem mesmo atraso de entrega, o importante é o controle frequente, para que não encaminhe-se para o final com falhas e ocasionando o atraso do mesmo.

4.4. A organização de eventos

Evento é um acontecimento previamente planejado, a ocorrer num mesmo tempo, como forma de minimizar esforços de comunicação, objetivando o engajamento de pessoas a uma ideia ou ação (GIÁCOMO, 2007). É uma concentração ou reunião formal e solene de pessoas e/ou entidades realizada em data e local especial, com objetivo de celebrar acontecimentos importantes e significativos, e estabelecer contatos de natureza comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica, etc. (ZANELLI, 2002).

Percebe-se que um evento pode ser definido de diversas formas, mas todos com a mesma finalidade de atingir objetivos propostos, sendo cada um com sua especificidade. O entrevistado destaca os objetivos na realização dos jogos da diversidade:

Então a gente precisa fazer para a importância social, a importância de saúde, porque o esporte é saúde e principalmente a visibilidade de combate ao preconceito. A gente tem que estar lá, a gente tem que aparecer para as pessoas verem. Mostrar que a gente existe, para as pessoas entenderem que eles estão lá, eles estão fazendo uma coisa legal, uma coisa bacana estão jogando aos domingos, jogando o vôlei deles, eles não estão pedindo nada para ninguém, eles não estão desafiando ninguém, mas eles estão lá jogando, vão pegar o chimarrão vamos lá olhar, é esse o norte sabe (MARTINS, 2019).

⁴ Scrum é um framework que propõe um conjunto de valores, princípios e práticas com o objetivo de acelerar o desenvolvimento de um projeto, visando a melhoria contínua do processo, gerando diversos benefícios para a equipe de desenvolvimento e para o cliente. (PEREIRA, 2017)

⁵ PMBOK aborda todas as áreas vitais de um bom planejamento e orienta os gerentes de projeto para conseguirem atingir os objetivos dos projetos que conduzem dentro do prazo, orçamento e qualidade exigidos, com o mínimo de imprevistos possíveis. (PEREIRA, 2017)

O evento esportivo com maior influência no decorrer dos anos foram as Olimpíadas da Grécia antiga, onde obteve a maior intervenção cultural devido suas regras e seu modo de organização em um contexto geral. Com o passar dos anos os eventos esportivos vem se tornando agente econômico, não se trata de apenas atividades voltadas ao lazer e bem-estar, trata-se de instrumento de conquista. (PEREIRA, 2009)

Os eventos esportivos tem a finalidade predominantemente econômicas (comerciais/promocionais) com a intensificação das disputas pelo mercado, em face da concorrência e da crescente dependência das empresas com relação à opinião pública. (DELGADO, 2014)

Eles surgem através dos Jogos Olímpicos, onde é institucionalizada regras para que os mesmos sejam disputados, através de eventos esportivos que alavanca comércios de diversos segmentos, como gastronomia, rede hoteleira e agências de turismo. Também movimentam boa parte da economia das regiões sede desses acontecimentos.

Segundo Martins (2019) “Os jogos movimentam parte da economia, são cerca de 250 pessoas se deslocando, se alimentando, usufruindo do comércio que está ao redor e isso é importante demais para o local que está sediando estes eventos”.

Conforme POIT (2013, p. 77.) “um evento padrão normalmente segue uma sequência lógica de execução e este encadeamento é dividido em cinco fases fundamentais”:

Figura 2. Diagrama das 5 fases fundamentais da organização de eventos esportivos, segundo Poit (2013).



Fonte: Autoria Própria.

4.5. Mercado e marketing esportivo

O mercado esportivo brasileiro é um mercado de enorme potencial de investimento. Vemos novas empresas buscando experiências na área esportiva, devido ao sucesso que outras companhias — às vezes até mesmo sua concorrente direta — apresentam nessa área que não para de crescer. Uma ideia que vem se tornando realidade junto aos clubes é a formação de parcerias com empresas na construção de empreendimentos que levariam a marca de ambas as organizações, onde haveria a possibilidade exploratória comercial para o retorno desse investimento junto ao público. (ALMEIDA, 2007)

Martins (2019) reflete sobre as ações voltadas ao público LGBT a partir de eventos esportivos:

A questão de permanência eu sempre digo que essa ação depende de dois eixos, a iniciativa privada que são as empresas ou até mesmo nós, pessoa física, mas também depende do interesse do poder público. Tem que ter alguém lá dentro da gestão, dentro do mecanismo municipal, estadual, da União, que tenha a sensibilidade de olhar para a causa e queira apoiar. O apoio não é somente financeiro, porque é só abrir as portas, liberar o ginásio para os jogos acontecerem. A Prefeitura de Canoas já tem o ginásio não precisa construir para que os jogos possam acontecer, não precisa gastar ou fechar a rua, mandar o ofício não precisa. É uma questão de participação. Se tiver alguém dentro desses órgãos públicos que não enxerga como necessário e não vê a questão da visibilidade, do preconceito, uma questão de segurança, do porque essas pessoas estão sendo atacadas na rua, alguém que não tenha essa visão é muito difícil você fazer qualquer coisa.

Como fonte de renda, o mercado esportivo vem se desenvolvendo nitidamente, as empresas privadas estão se vinculando as grandes e pequenas organizações esportivas como moeda de troca, enquanto um apoia o outra ganha reconhecimento mercadológico. Para Martins (2019): “[...] os LGBTs são vistos como um nicho de mercado, pois eventos que envolvem esse público movimentam de maneira significativa a economia, mas nem sempre há equidade nos serviços oferecidos a eles”. O Simpósio Jean-Jacques Gaultier de 2015, em seu relatório final demonstra que pessoas LGBTs são tratadas de forma ainda mais gravosa em locais de privação de liberdade onde sofrem marginalização e discriminação. Visto isso, de que adianta movimentar a economia se ainda não temos a mesma igualdade de direitos?

Conforme análise de Claro (2012) a indústria do esporte está posicionada entre os setores que mais crescem no mundo, com taxas superiores ao produto interno bruto (PIB) brasileiro envolvendo o varejo esportivo (roupas, calçados, acessórios e equipamentos), serviços esportivos e esporte profissional (mensalidades de academias, recursos do esporte, investimento de empresas, direitos de TV, arrecadações de ingressos, salários e demais receitas) e serviços indiretos (infraestrutura, transporte e hospedagem).

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) não permitia o uso de marcas secundárias, somente o fabricante das camisetas dos times poderiam usar suas marcas e por este motivo o marketing esportivo⁶ não esteve presente a mais tempo. (CORRÊA; CAMPOS, 2008)

Pitts e Stotlar (2002, p. 90) afirmam que o “marketing esportivo é o processo de elaborar e implementar atividades de produção, formação de preço, promoção e distribuição de um produto esportivo para satisfazer as necessidades ou desejos de consumidores e realizar os objetivos da empresa”. Para Martins (2019, s/p) existem diferenças entre os públicos que acessam eventos esportivos:

Existe diferença entre eventos esportivos e eventos esportivos para o público LGBT e é latente. Os eventos LGBTs jamais você irá presenciar uma briga, a questão do comportamento. Outra diferença é a alegria, jamais será um evento preto e branco ou formato 3 por 4. Os eventos LGBTs as equipes todas se

⁶ O marketing esportivo tem origem no início do século XIX, tornou-se mais conhecido em 1921, quando um fabricante do taco de beisebol Louisville Slugger implantou uma ação de marketing e se tornou líder na produção de tacos de beisebol. (PITTS, 2002, p. 49).

cumprimentam, tomam chimarrão junto, almoçam junto e dentro da quadra estão se enfrentando. É uma confraternização grande.

Considerando que o público LGBT+ é um grande consumidor, conforme o site Out Leadership (2010), observa-se quanto o marketing esportivo é importante para a detecção do cenário atual, considerando as tendências que a economia vem expandindo. Para Martins (2019, s/p): “Os eventos que estão em alta para esse público específico é o GayPrix de vôlei, Champions Ligay, os GayGames”.

Mullin, Hardy e Sutton (2004) complementam a definição de Pitts e Stotlar (2002), afirmando que:

O marketing esportivo consiste em todas as atividades designadas a satisfazer as necessidades e desejos dos consumidores esportivos através de processos de troca. Ele desenvolveu dois eixos principais: o marketing de produtos e serviços esportivos diretamente para os consumidores esportivos e o marketing de outros produtos e serviços através da utilização das promoções esportivas. (p. 18)

Caracterizando assim, cada necessidade de determinado público, prospectando a questão das vendas, seja de produtos ou serviços. Conforme o tema dessa pesquisa, percebe-se o quanto a comunidade LGBT+ é extensa, e o quanto os meios sociais são limitados para uso dos mesmos.

O público LGBT necessita de ações afirmativas e isso é uma ação afirmativa. As pessoas precisam visualizar e se mobilizar para que isso pare de qualquer forma: “Nosso presidente declarando que os gays não precisam vir para o Brasil e que as pessoas não venham procurar o turismo gay no Brasil”. Isso é uma declaração que vai na contramão de todas as empresas que querem o público LGBT. A população LGBT vem gastar, imaginem se não tivesse a parada de São Paulo, imaginem aquele comércio da redondeza, será que eles vão querer perder esse público? ou esse evento? imagina a parada do Rio de Janeiro, a parada de Recife que é grande, a parada de Goiás que é enorme também, a parada de Porto Alegre que está com grande público. Todas as pessoas do entorno estão ganhando, toda a economia está sendo movimentada, quem tá no Brick da redenção tá vendendo. (MARTINS, 2019, s/p)

No âmbito de espaços esportivos esse é o maior discriminador de gênero na sociedade, onde no século XX as mulheres tinham como destino apenas as arquibancadas, suas participações eram como torcedoras, tal situação que apresenta mudanças na apropriação desses espaços. As mulheres foram alcançando os espaços esportivos somente no final do século XX.

Não somente assistimos a uma explosão visível de sexualidades heréticas, mas, sobretudo — e esse é o ponto importante — a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que se apoie localmente em procedimentos de

interdição, ele assegura, através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas. (FOUCAULT, 1988, p. 48)

Os protótipos regimentais não reinam apenas nas questões de gêneros, aparecem também na questão da orientação sexual, onde a visibilidade feminina reina como forma de não perder investimentos financeiros.

Em outras palavras, não há razão para dividir os corpos humanos em sexos masculino e feminino, exceto que uma tal divisão é adequada às necessidades econômicas da heterossexualidade, emprestando um lastro naturalista à sua instituição. (BUTLER, 2003, p. 164)

Zafalon (2014) descreve o marketing gay relacionando-o ao esporte. Não é apenas com interesse em atingir um novo mercado que o esporte pode ser importante, as empresas que investirem nesse segmento receberão como moeda de troca a confiança, uma vez que apresentam “tolerância” aos LGBT+, mostrando-se contra a homofobia.

Gonçalves (2017) destaca que o Pink Money⁷ (dinheiro rosa) demonstra o potencial de consumo da comunidade LGBT+ e as empresas unem isso a sua marca, o interesse mercadológico é visivelmente explícito pois esse dinheiro movimenta parte do mercado capitalista. Esse poder de consumo atrai cada vez mais empresas que se aproveitam para agregar seus produtos ao apoio a diversidade, porém o único interesse é econômico. Para Martins (2019, s/p)

É extremamente importante a realização dos eventos para esse público. Primeiramente pelo cunho social, o viés social. Nós LGBTs estamos passando por um momento complicado em relação aos crimes de ódio que estão acontecendo. A todo momento alguém é agredido ou morto. As injustiças estão acontecendo, os governos se propõem e repropõem e nada é feito.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1. Jogos da diversidade

A partir de demanda popular e interesse da coordenadoria de políticas e diversidade, o município de Canoas organizou em 2013 a primeira edição dos Jogos

⁷ O termo Pink Money foi criado para ilustrar figurativamente o dinheiro gasto por pessoas pertencentes ao grupo LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais) na aquisição de produtos e serviços voltados a essa parcela da sociedade. (GALVÃO, 2019)

da Diversidade. Com a participação de oito equipes, o evento foi realizado no Ginásio do Centro Olímpico da cidade, contando com apoio da prefeitura. A própria organização do evento ficou surpresa, pois não esperava que tantos LGBTs praticassem esportes, entre eles, o vôlei. Segundo Martins (2019, s/p):

Cerca de 300 pessoas participam dos Jogos da Diversidade. Entre atletas, comissão técnica, organizadores e torcidas. Dentre os participantes a maioria é gay, pela quantidade de jogadores que compõem a equipe, voleibol são 7 jogadores em quadra com o líbero mais 6 na reserva. No futsal são 5 em quadra mais 5 no máximo na reserva.

Posteriormente, os eventos foram sendo aprimorados. A segunda edição foi realizada em 2014, sendo dividida em dois dias. No sábado, futsal feminino e no domingo, vôlei para os homens. Por questões de horário, não havia possibilidade das duas modalidades serem no mesmo dia.

O entrevistado trabalhava na coordenadoria de políticas de diversidade quando iniciou a realização desses jogos.

5.2. Battel force

Posteriormente a saída do entrevistado da Coordenadoria de Políticas de Diversidade do município de Canoas, o mesmo juntamente com sua equipe de vôlei Battel Force, no qual pratica a modalidade há mais de 10 anos, deu continuidade na realização dos eventos para o público LGBT+. Além de uma equipe de vôlei, o Battel Force passou a ser uma empresa organizadora de eventos esportivos para o público LGBT+.

Com o desenvolvimento desses jogos, surgiu outros do mesmo segmento como quadrangulares (jogos realizados com quatro times, onde todos se enfrentam), Liga LGBT+ de vôlei (Apêndice B) e já está planejando eventos futuros. Conforme Martins (2019, s/p): “está por vir a maratona LGBT no segundo semestre de 2019 e a Copa do Mundo LGBT onde cada equipe representará um país”. A equipe do Battel Force está à frente dessas organizações esportivas.

5.3. Superliga LGBT+

No dia 5 de maio, o Serviço Social do Comércio (SESC) do bairro Navegantes em Porto Alegre, foi sede da Superliga LGBT de vôlei, o evento contou com nove equipes de cinco cidades gaúchas que iniciaram as disputas. O objetivo era romper a discriminação, promovendo a integração de atletas com a comunidade.

A Superliga é um dos eventos que a equipe do Battel Force também organiza. Conforme já descrito, foi a partir dos jogos da diversidade que surgiram novos eventos para o público específico. Martins (2019, s/p) ressalta que:

Em uma das edições não foi cobrada taxa de inscrição. Foi solicitado que cada atleta fizesse uma doação de brinquedo em bom estado ou novo. No fim do ano realizamos uma ação em uma comunidade carente de Canoas para distribuição dos brinquedos. Além da causa LGBT existe uma ação social.

A Superliga conta com quatro etapas, com duração de seis meses seguindo todas as regras oficiais. A Superliga é um evento LGBT+, os atletas que contemplam a equipe são todos gays, com exceção do técnico, que pode ser hétero. Martins (2019, s/p) relata:

Todos atletas são LGBTs. Porém os técnicos não precisam ser. Ao elaborar o regulamento a organização foi cautelosa nesse aspecto. O evento surge com interesse da visibilidade, que as pessoas entendam que qualquer sigla, o gay, a lésbica, trans, travesti, bissexuais todos eles têm família, praticam esportes, pagam impostos, são cidadãos de direitos e deveres. Mas ao excluir um hétero de participar estaríamos reproduzindo a discriminação que as “minorias” sofrem. Então como que nós promotores do evento iremos proibir um hétero de jogar. Por esse motivo surgiu a ideia de fazer o regulamento onde os atletas devem estar dentro das siglas, e autorizar os héteros para equipe técnica.

A partir do raciocínio do entrevistado, questiona-se porque é preciso proibir um hétero de jogar no meio LGBT+? Ao invés de segregar, deveria participar do evento independente de orientação sexual, pessoas que se encaixam no contexto, pessoas que apoiam a causa, não necessariamente fazer do evento LGBT+ algo isolado.

Desde minha presença na Superliga LGBT+, constatei um público significativo no número dos participantes e o quanto foi surpreendente o prazer dos atletas na prática do esporte. Acompanhado de uma recepção maravilhosa a todos que presenciaram o evento, inclusive com o pessoal que se fez presente através do meu convite. Juntamente com uma organização impecável, notou-se também a dedicação

em representar a equipe dentro de quadra, competindo de maneira educada e a alegria dos mesmos quando estavam nas arquibancadas. No momento em que chegavam era brilhante os gestos de carinho uns com os outros por mais que fossem adversários. Ressalto que o público presente na SuperLiga em sua grande maioria era constituído por homens brancos, com um padrão heteronormativo.

Segundo o entrevistado,

A trajetória na organização de eventos esportivos para o público LGBT foi uma junção pessoal e profissional. No período em que eu trabalhava na Coordenadoria de Políticas de Diversidade de Canoas, chegou até a Coordenadoria uma demanda de algumas pessoas, solicitando eventos esportivos para população LGBT. Porém antes mesmo do pedido já tinha o interesse interno de propor esses eventos, porque eu já fazia parte de um time de voleibol, onde a maioria eram gays assumidos. Então surgiu a ideia de fazer um torneio esportivo os “Jogos da Diversidade” e, que pudesse contemplar não só o vôlei, mas outras categorias também. A partir da solicitação externa foi elaborado o projeto da Coordenadoria apresentado para o coordenador e a aprovação foi imediata. (MARTINS, 2019, s/p)

Residimos em um país onde compartilhamos da mesma língua, mas por outro lado possuímos uma vasta gama de diferenças sociais, políticas e econômicas que conferem nossa diversidade (CHIUCHETTA, 2014). A autora ainda comenta que para falar da diversidade no Brasil, temos que levar em conta, toda origem histórica de nosso país, onde encontramos indivíduos que não são iguais, que têm especificidades de gênero, raça/etnia, religião, orientação sexual e valores.

Martins (2019, s/p) relata a importância e a dificuldade de oferecer um espaço LGBT:

Os LGBTs têm que ocupar esses espaços, as pessoas precisam enxergar que eles existem. A sociedade precisa enxergar os LGBTs como cidadãos que praticam esportes sem prejudicar ninguém. A questão do técnico hétero não é fácil, conseguir pessoas que entendem, que não se importam em treinar equipes LGBT. A equipe de vôlei do entrevistado contactou 4 técnicos e nenhum quis, mesmo oferecendo valores. Entre os contactados, um foi bem categórico ao dizer que não gostaria de atrelar o seu nome a causa gay.

Com o objetivo de incluir e não excluir, ao montar o regulamento (Apêndice C), a equipe organizadora teve um cuidado para não reproduzir a questão da exclusão, do preconceito, pois se algum heterossexual tivesse o interesse de participar como que iriam lidar com isso? Para contemplar a todos, foi permitido a participação de héteros na comissão técnica.

Nossa equipe se dedica exclusivamente no planejamento dos eventos. A questão do local, quadra, arbitragem, estacionamento, presença de Brigada Militar, cerimônia de abertura, bancada de delegações, shows surpresa com bate cabelo, com balões, com sonorização, com 22 canhões de luz. É igual a abertura de olimpíada, inclusive no dia dos jogos, tem pessoas animando no intervalo entre um jogo e outro. Na parte da manhã a recepção das equipes é feita com uma mesa de café da manhã. (MARTINS, 2019, s/p)

Em geral esses eventos geram custos com arbitragem e premiações. O custo de R\$ 450,00 para cada equipe na Superliga, podendo ser parcelado em 4 vezes. Como toda competição tem premiações, essa não seria diferente. As premiações são Troféus e medalhas 1º, 2º e 3º lugar. Em cada etapa tem a escolha do melhor jogador da etapa, com melhor defesa, melhor ataque, com melhor performance, melhor volume de jogo.

Além do aspecto social, como a arrecadação de gêneros alimentícios para ajudar populações vulneráveis, também é possível notar a disseminação de campanhas sobre saúde, prevenção e outras iniciativas vinculadas a vida da população LGBTQ+. Martins (2019, s/p) explica como funcionam essas parcerias:

Os eventos citados como pesquisa não possuem patrocínio financeiro. Existe apoio/parcerias. O apoio com água mineral, apoio da erva mate que doou chás para distribuir, e a parceria do PooPrep. O PooPrep que é um programa norte-americano, subsidiado por um valor pelo governo federal e o governo federal coloca em vários estados [...] então o PooPrep apoia o evento com folders explicativos, doação de copos de lembranças com o nome do PREP e com símbolo da Superliga. E o SESC que é parceiro sempre, além de ser um fenômeno no meio dos eventos, ele acolhe e sede o local para realização dos mesmos.

Martins (2019, s/p) afirma que quanto mais divulgação, mais chances de atingir o objetivo proposto, tornando-o visível para toda a sociedade. Ampliar esses eventos de maneira que os mesmos se tornem algo esperado tanto para o público alvo, quanto para os simpatizantes. Além de fomentar uma tendência das próprias empresas do ramo se atualizarem sobre este público. A partir da divulgação a imagem dos jogos cresce a cada edição, possibilitando novas parcerias para promover esses eventos.

Martins (2019, s/p) diz que a divulgação desses eventos é realizada através do facebook e instagram do time. Existe um responsável pela arte. Toda semana é feita uma transmissão para os grupos divulgando os eventos. O SESC fica responsável pelo comparecimento de uma emissora de TV, então quando tem a presença de uma emissora de televisão o alcance na divulgação é maior ainda.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização dos eventos esportivos para o público LGBTQ+ tem por objetivo fortalecer o combate à LGBTQfobia e todos seus desmembramentos numa ação de visibilidade de entendimento de igualdade sexual e de gênero, fomentar o respeito à diversidade sexual e de gênero, proporcionar melhor qualidade de vida à população LGBTQ da capital e de outras regiões do Rio Grande do Sul, elaborar levantamento quantitativo e qualitativo de presença do segmento LGBTQ frente às práticas esportivas, visando a elaboração de ações e projetos futuros envolvendo ações correlatas.

Infelizmente a comunidade LGBTQ+ ainda é violentada dentro da sociedade brasileira, visto que todos os dias há notícias de assassinatos, agressões e violência verbal. Iniciativas devem ser tomadas, se quem está no poder não defende essa causa a resistência se une para modificar essa realidade a partir de outras organizações.

Divulgar estes eventos faz com que a sociedade enxergue as pessoas LGBTQ+ como elas realmente são: capazes de realizar atividades esportivas como qualquer outra pessoa sem ter seu gênero ou orientação sexual atrelado ao seu rendimento. Dar visibilidade para esses acontecimentos pode fazer com que muitos que estão em situação de vulnerabilidade encontrem estímulo e oportunidades para enfrentar o contexto no qual se encaixam.

A heterossexualidade sempre foi vista como um padrão a ser seguido na sociedade, mesmo com a homossexualidade existindo em todos os tempos da história. Assim como a promoção de eventos esportivos é em geral para o público heteronormativo já está inserido como algo comum e próprio do corpo social. Esses eventos possuem mais chances de conseguir um patrocínio, apoio e divulgação.

Por esse motivo, o grupo que há menos de 30 anos deixou de ser considerado doente pela sua orientação sexual, necessita ter mais evidência perante isso. Os jogos direcionados a esse público além de promover a visibilidade, tem por objetivo incluí-los na sociedade, de maneira que sejam respeitados como todas pessoas, sem diferenciação. Essas ações afirmativas são extremamente necessárias, pois existe uma necessidade de políticas de igualdade social, pois a sociedade, em sua grande maioria

reproduz o preconceito e a aceitação dos LGBT+ por muitas vezes se dá com interesse em fins lucrativos somente como o *pink money*.

No meio acadêmico nota-se que há um crescente nos estudos sobre gênero e sexualidade, inclusive existem núcleos de ensino, pesquisa e extensão destinados a isso, assim como programas de pós-graduação e linhas de pesquisa. Um exemplo é o NEPGS (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Sexualidade) do Campus Restinga/IFRS, porém nota-se uma escassez de estudos direcionados a esse público na área do esporte.

Não existe representatividade melhor quando se tem pesquisas voltadas a essa área, mostrando onde os LGBTs estão inseridos, os espaços que estão criando protagonismo, isso faz com que floresça o empoderamento por parte deste público. Mas espera-se que mesmo, de maneira lenta, esse estudo possibilite muitos outros futuramente.

Há um crescente relativa à autonomia da comunidade LGBT nos espaços de esporte e lazer, por mais que existam o preconceito e crimes de ódio diariamente essa população não se intimida e busca espaços na sociedade.

A falta de patrocínio da iniciativa privada, falta de transmissão por uma rede de televisão prejudicam a difusão de eventos esportivos LGBTs. Se a comunidade LGBT obter o apoio necessário conseguirá realizar um evento esportivo grande e com a visibilidade merecida. E certamente, as empresas patrocinadoras terão o seu retorno financeiro. Contudo, questiona-se o porquê deste patrocínio ainda não ter ocorrido e destes eventos para LGBTs e mulheres não possuírem ainda a nitidez que merecem?

A visibilidade abriu uma porta para mostrar para a sociedade que podemos fazer esporte sem problema nenhum, sem sofrer preconceito por isso, então o quadro hoje é que existem várias equipes de modalidades esportivas, existe a população LGBT praticando vários esportes sem medo nenhum e é dessa maneira que iremos expandir essas ações.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, Felipe. **Porto Alegre sedia o maior evento esportivo LGBT da América Latina**. 2018. Disponível em: <http://revistaviag.com.br/2018/03/07/porto-alegre-sedia-maior-evento-esportivo-lgbt-da-america-latina/>. Acesso em: 28 maio 2019.
- ALMEIDA, Ricardo. **Oportunidades no mercado esportivo brasileiro**. 2007. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/oportunidades-no-mercado-esportivo-brasileiro/>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- ALTMAN, Dennis. **“On Global Queering”**, *Australian Humanities Review*, 2. 1996. Disponível em: <http://www.lib.latrobe.edu.au/AHR/archive/Issue-July-1996/altman.html>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- ARRIBAS, Carlos. **Caster Semenya é obrigada a se medicar para competir como mulher**. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/01/deportes/1556703586_534718.html. Acesso em: 28 maio 2019.
- BECKER, Guilherme. **Prefeitura promove I Jogos da Diversidade de Curitiba**. 2019. Disponível em: <https://ricmais.com.br/videos/balanco-geral-curitiba/prefeitura-promove-i-jogos-da-diversidade-de-curitiba/>. Acesso em: 28 maio 2019.
- BRITZMAN, Deborah. **O que é esta coisa chamada Amor — Identidade homossexual, educação e currículo**. *Revista Educação e Realidade*, v. 21, p. 71-96, jan/jun, 1996.
- BUTLER, Judith P. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. *In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado.: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CAMARGO, Wagner Xavier. **Esporte, cultura e política: a trajetória dos Gay Games nas práticas esportivas contemporâneas**. 2016. p. 99–101.
- CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. São Paulo: Makron Books, 1993.

CHIUCHETTA, Fabiana. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense Na perspectiva Do Professor PDE Produções Didático-Pedagógicas — Jogos Cooperativos para igualdade de gênero na educação física**. Versão Online ISBN 978-85-8015-079-7 Cadernos PDE. Volume III. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_edfis_pdp_fabiana_chiuchetta.pdf. Acesso em: 28 maio 2019.

CLARO, Marcelo. **O Mercado Esportivo e a Importância do Administrador: Cenário e Perspectivas**. São Paulo. 2012.

CONSTITUIÇÃO (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. BRASIL.

CORRÊA; W. C. S.; CAMPOS, K. G. S. B. **Marketing esportivo como estratégia de incremento na construção e consolidação da marca**. 2008. Dissertação (Pós Graduação em Marketing com Responsabilidade Social) — Centro Universitário de Caratinga, Caratinga.

CRUZ, Oswaldo. **Prefeitura vai promover o I Jogos da Diversidade no mês de Maio**. 2019. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/prefeitura-vai-promover-o-i-jogos-da-diversidade-no-mes-de-maio/49792>. Acesso em: 29 maio 2019.

FÁBIO, André Cabette. **As trajetórias e as conquistas do movimento LGBT brasileiro**. 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>: Acesso em: 14 nov. 2018.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? O movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos de 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERRARI, Anderson. **Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo**. Revista Brasileira de Educação, v 25, p. 105, Jan/Fev/Mar/Abr, 2004.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Homossexualidade e Educação Sexual: Construindo o respeito à diversidade**. Londrina: Ed. UEL, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Glossário, 2009.

GIÁCOMO, Cristina. **Tudo acaba em festa. Evento, líder de opinião, motivação e público**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

GONÇALVES, Mattheus. Entenda: Pink Money e o poder do consumo rosa. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@pinkads/entenda-pink-money-e-o-poder-do-consumo-rosa-b6569e2a7d3a>. Acesso em: 12 jul. 2019.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

KORNEI, Katherine. **This scientist is racing to discover how gender transitions alter athletic performance—including her own**. 2018. Disponível em: <https://www.sciencemag.org/news/2018/07/scientist-racing-discover-how-gender-transitions-alter-athletic-performance-including>. Acesso em: 3 jun. 2019.

LEICK, Rafael. **Calendário LGBT Internacional**. 2019. Disponível em: <https://viajabi.com.br/calendario-gay-internacional-eventos-lgbt-mundo/>. Acesso em: 14 jun. 2019.

LGBT. Disponível em: <https://www.lgbt.pt/cores-bandeira-lgbt/>. Acesso em: 16 nov. 2018.

LLEWELLYN, S.; NORTHCOTT, D. **The “singular view” in management case studies qualitative research in organizations and management**. An International Journal, v. 2, n. 3, p. 194–207, 2007.

MARTINELLI, André. **Por que Tiffany e seu desempenho no vôlei ainda são vistos como um problema?** 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/tiffany-transfobia-esporte_br_5ca7f0e0e4b0dca0330198db. Acesso em: 20 maio 2019.

MARTINS, Jorge. Entrevista sobre **DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO E O MERCADO ESPORTIVO: EVENTOS PARA O PÚBLICO LGBT+**. Entrevista concedida a Estefani Michels, Orientadora Tatiana Teixeira Silveira. 2019.

MUNDO DA ADMINISTRAÇÃO. **Planejamento, Organização, Direção e Controle**. 2017. Disponível em: <https://mundodaadministracaoblog.wordpress.com/2017/06/04/planejamento-organizacao-direcao-e-controle/>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MANUAL de comunicação LGBT. 2015. Disponível em: <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2018.

OLIVEIRA, Rosa Maria. **Fronteiras Invisíveis: Gêneros, Questões identitárias e Relações entre movimento homossexual e Estado no Brasil**. Revista Bagoas, n. 4, p. 160–172. 2009.

PEREIRA, Annelyse Santos Lira Soares, ALFAIA, André João Belacorça e LIMA, Tiago Jessé Souza. **Preconceito contra homossexuais no futebol**. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Pg 738–739.

PEREIRA, Garcias Tulio. **Eventos Esportivos e sua Influência no contexto social**. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Minas Gerais: 2009.

PITTS, B. G., STOLAR, D. K. **Fundamentos de Marketing Esportivo**. São Paulo: Phorte, 2002.

POIT, Davi Rodrigues. **Organização de eventos esportivos**. 5º Ed- São Paulo: Phorte, 2013. pg. 20–77.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DESPORTIVA E DE LAZER. 2018. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/restinga/wp-content/uploads/sites/5/2018/05/PPC-GDL.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2018.

QUEM somos. Somos: iguais, diversos, plurais. *Site*. [201-]. Disponível em: <http://somos.org.br/quem-somos>. Acesso em: 2 jun. 2019.

REIS, Toni. **O movimento homossexual**. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.). Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade. Londrina: EdUEL, 2007. p. 101–102.

ROMANELLI, Amanda. **Homofobia no esporte ainda ganha de goleada**. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,homofobia-no-esporte-ainda-ganha-de-goleada,1077307>. Acesso em: 12 jul. 2019.

SMIGAY, K. (2000). **Relações violentas no espaço da intimidade: drama privado ou tragédia pública?** Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandes (2016). **Doping e controle de feminilidade no esporte**. *Cadernos Pagu*, (42), 447–475.

SOBRAL, Filipe; PECCI, Alketa. **Administração: teoria e prática no contexto brasileiro**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.

SOBRE. Pampacats. *Site*. [201-]. Disponível em: <http://pampacats.com.br/sobre.html>. Acesso em: 2 fev. 2019.

STONER, James A. F.; FREEMAN, R. Edward. **Administração**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

VANNUCHI, Paulo. **Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais**.

Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/LGBT/texto_base_1_lgbt.pdf. Acesso em: 2 fev. 2019.

ZAFALON, Mauro. **Marketing gay: novo público ao alcance das marcas**. São Paulo, 2012. Disponível em: https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/marketing-gay-novo-publico-ao-alcance-das-marcas_25929.html. Acesso em: 4 jun. 2019.

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. Estudos da Psicologia, n. 7, p. 79–88, 2002.

APÊNDICE A — Roteiro Entrevista

Sobre sua relação com a organização de eventos esportivos para o público LGBT.

- 1) Qual sua formação acadêmica e profissional (em que é formado e trabalhou onde)?
- 2) É utilizado as cores da bandeira durante o evento e na divulgação, mas por quê?
- 3) Quais outros eventos você conhece?
- 4) Qual a sua relação com eventos esportivos? Teve alguma influência de ordem pessoal/profissional?
- 5) Você realizou alguma pesquisa sobre eventos esportivos LGBTs? Se sim, consegue fazer um histórico sobre essas atividades no Brasil ou Rio Grande do Sul?
- 6) Como surgiu a ideia de organizar eventos esportivos para o público LGBT?
- 7) Por que dessa iniciativa de escolher eventos para o público LGBT?
- 8) Existem outras iniciativas/ações para esse mesmo público na empresa?
- 9) Quais os objetivos que quer atingir na realização desses eventos?
- 10) Onde começou a prática de organização desses eventos?
- 11) Quantas pessoas estão envolvidas na organização deste evento?
- 12) Essas pessoas são divididas em comissões?
- 13) Você ou a empresa escolhe LGBTs para compor a equipe organizadora? Por quê?
- 14) Quais cidades já realizou esses eventos e qual obteve mais participantes?
- 15) Dentre os participantes você consegue apontar se temos mais homens ou mulheres participando? Por quê?
- 16) Como são escolhidas as modalidades esportivas desse evento? Por quê? Quais as mais procuradas?
- 17) Como tem sido a procura nesse evento por pessoas trans?
- 18) Como vocês realizam a classificação dessas pessoas nas modalidades?
- 19) Quantas equipes participam desses eventos?
- 20) Como são realizados esses jogos? (local, regularidade, valores, modalidades, integração entre cidades, etc).
- 21) Existe um regulamento da competição? (*solicitar o documento, se tiver*)

- 22) Como é realizada a divulgação desses eventos?
- 23) Como é feito o marketing desse evento?
- 24) Como é feita a avaliação desse evento, pela equipe e pelo público alvo?
- 25) Qual foi/é a importância de realizar esses eventos?
- 26) O que tu consideras mais importante para a continuidade e melhor visibilidade dos eventos esportivos LGBT? Por quê?
- 27) Se tivesse que fazer um comparativo, qual a diferença de eventos esportivos LGBTs para eventos esportivos?

Sobre as perspectivas dos eventos esportivos para o público LGBT.

- 28) Fala um pouco sobre LGBTs no esporte, como você analisa o cenário esportivo para o público LGBT? Quais iniciativas para expandir esses eventos?

APÊNDICE B — Projeto Liga Estadual LGBT de vôlei.

LIGA ESTADUAL LGBT DE VÔLEI

PROMOÇÃO: BATTEL FORCE VÔLEI (SÃO LUÍS ESPORTE CLUBE)

Canoas, 05 de dezembro de 2018.

1. Título do Projeto

Liga Estadual LGBT de Vôlei

2. Área do Projeto

Direitos Humanos, Diversidade Sexual, Cidadania e Desporto, Esporte e lazer

3. Área de Concentração

Diversidade Sexual e de Gênero e Desporto

4. Descrição/Apresentação do Projeto

A cidade de Canoas já tem experiência e tradição na recepção e promoção de eventos envolvendo a população LGBT no tocante ao Desporto e lazer. O objetivo da Liga estadual LGBT de Vôlei é promover a integração, inclusão, aproximação e fomento desse segmento ligado à prática esportiva como forma de afirmação social, como meio também de combate a todos os tipos de preconceito, reafirmando-se assim os direitos de igualdade e dignidade da pessoa humana dentro do Estado Democrático de Direito.

Importante para o Evento proposto, que sejam realizadas etapas dentro da cidade de Canoas, local de onde é oriunda a equipe proponente do projeto.

5. Identificação dos Principais Profissionais envolvidos no Projeto

5.1. NOME: Battel Force Volei (São Luís Esporte Clube)

FUNÇÃO NO PROJETO: Promoção e Coordenação do Projeto

5.2. NOME: Jorge Theodomiro Martins Moreira Filho (Ativista LGBT e membro do Battel Force Vôlei).

FUNÇÃO NO PROJETO: Coordenador Adjunto do Projeto

5.3. NOME: Coordenadoria de Políticas de Diversidade e Comunidades Tradicionais de Canoas

FUNÇÃO NO PROJETO: Parceiros na Execução do Projeto como um todo.

5.4. NOME: Secretaria Municipal de Esporte e Lazer.

FUNÇÃO NO PROJETO: Apoiadores do Evento

5.5. NOME: SESC

FUNÇÃO NO PROJETO: Organização e promoção do Evento

6. Objetivos do Projeto

- a) Realizar a 1ª Liga Estadual LGBT de Vôlei com a reunião de no máximo 08 (oito) equipes nas modalidades iniciais de voleibol in door, com a participação de atletas LGBT para integração, inclusão, aproximação e fomento desse seguimento à prática esportiva como forma de afirmação social.
- b) Fortalecer o combate à homofobia e todos seus desmembramentos (lesbofobia, transfobia, bifobia, etc) e todas as formas de preconceito numa ação de visibilidade e entendimento de igualdade sexual e de gênero;
- c) Fomentar o respeito à diversidade sexual e de gênero;
- d) Proporcionar melhor qualidade de vida à população LGBT da Capital, da Região Metropolitana, Serra de demais localidades do Estado do Rio Grande do Sul;
- e) Elaborar levantamento quantitativo e qualitativo de presença do segmento LGBT frente às práticas esportivas, visando a elaboração de ações e projetos futuros envolvendo ações correlatas.

7. Justificativa do Projeto

O homem está interligado e correlacionado ao esporte desde os primatas, quando fugiam de animais predadores, lutavam por áreas ou regiões e disputavam domínios no início das coletividades. Acredita-se que depois da alimentação, a mais antiga forma de atividade humana é a que hoje se conhece por esporte. Mas a prática desportiva teve início remoto, onde já havia monumentos de vários estilos dos antigos egípcios, babilônios, assírios e hebreus com cenas de luta, jogos de bola, natação, acrobacias e danças. Entre os egípcios, a luta corpo-a-corpo e com espadas surgiram por volta de 2.700 a.C. e eram exercícios com fins militares. Os outros jogos tinham caráter religioso. Campeonatos, torneios, olimpíadas, recordes, títulos, medalhas, torcidas e comemorações.

A aura mítica do esporte e seus heróis - os atletas - fazem parte do dia-a-dia de bilhões de pessoas ao redor do planeta. As disputas esportivas têm o poder de colocar países inteiros em compasso de espera. O Brasil paralisa para ver os jogos da seleção na Copa do Mundo e o mesmo se repete na Argentina, na Inglaterra ou na Itália. Nações dos cinco continentes acompanham as transmissões de provas e partidas dos Jogos Olímpicos, mesmo que seus esportistas não tenham qualquer chance de vitória. Nos últimos tempos, o voleibol tem sido considerado mais um esporte que é “paixão de brasileiro”, após as inúmeras conquistas das seleções em olimpíadas, mundiais e “grand prix”.

A longa história do esporte ajuda a entender como um fenômeno surgido há milênios se perpetuou no imaginário do homem. Inicialmente, a prática esportiva está ligada aos exércitos e às guerras. Aprimorar e desenvolver a força física do soldado, além de

significar mais chances de vitória nas batalhas, serve para demonstrar a superioridade de um povo.

Na China desenvolveu-se o Kung-fu há mais ou menos 5 mil anos. Acredita-se que foram os gregos e os persas os pioneiros na sistematização da prática do esporte. A luta corpo-a-corpo e com espadas passou a desenvolver-se. Arqueólogos encontraram monumentos de babilônios, assírios e hebreus com representações de jogos com bola, natação, acrobacia e danças. Os gregos foram o primeiro povo europeu a atingir alto grau de civilização. A Educação Física, assim como a Filosofia, a Lógica, a Arquitetura e as artes em geral, está entre as principais heranças por eles deixadas ao mundo moderno.

Mas é na Grécia Antiga que o esporte passa a ocupar um lugar de destaque na sociedade. A Educação Física deixa o campo militar e se torna motivo de distinção social. A prática esportiva é a única atividade que, mesmo gerando suor, causa orgulho dos cidadãos.

O trabalho, por exemplo, cabe ao escravo e não confere prestígio aos homens livres. O filósofo Sócrates registra a importância do esporte para a sociedade da época: "Nenhum cidadão tem o direito de ser um amador na matéria de adestramento físico, sendo parte de seu ofício, como cidadão, manter-se em boas condições, pronto para servir ao Estado sempre que preciso. Além disso, que desgraça é para o homem envelhecer sem nunca ter visto a beleza e sem ter conhecido a força de que seu corpo é capaz de produzir".

Escavações feitas na Grécia revelaram que, por volta de 2.500 a.C., os micênicos (povo que vivia na região) haviam formado uma civilização em que se cultivava tanto as artes como os jogos. Conta-se no livro VIII da Odisséia que Ulisses, ao ser desafiado pelos lutadores e atletas do rei Alcino, lançou um peso maior que os convencionais neste tipo de competição a uma distância nunca alcançada mesmo com pesos normais. Tanto Aristóteles como Hipócrates escreveram reconhecendo o valor dos exercícios físicos, chegando até a achar que a educação do corpo deveria preceder a do intelecto. O esporte ocupava lugar de destaque entre espartanos e atenienses.

Na Idade Média, com o crescimento da força do Cristianismo, que pregava mais a purificação da alma do que a do corpo, o esporte entrou em uma fase de estagnação, pois foi um período de guerras e conquistas. Na Renascença (século XVI e XVII), com o surgimento do Humanismo, a Educação Física foi revivida. Com a conquista da Grécia Antiga pelos romanos, em 456 a.C, os jogos olímpicos entram em declínio. A proposta de integrar os cidadãos em competições marcadas pela cordialidade cede espaço a disputas cada vez mais violentas.

A última Olimpíada da Era Antiga acontece em 393 d.C, quando o imperador romano Teodósio I proíbe a realização de festas para adoração de deuses. A partir do século IV, passando por toda a Idade Média, o esporte vive um período de estagnação, principalmente no Ocidente. O cristianismo prega a purificação da alma; o corpo, colocado em segundo plano, serve mais às penitências do que ao desenvolvimento de aptidões esportivas.

A Educação Física, pelo menos na perspectiva adotada na Grécia antiga, desaparece ou é praticada de forma isolada por pequenos grupos. A retomada do esporte se dá lentamente. O Humanismo, nos séculos XVI e XVII, redescobre a importância a

atividade física. As bases dos conceitos modernos de esporte surgem na Europa do século XVIII, quando a Educação Física volta a ser sistematizada. No século seguinte, em Oxford (Inglaterra), se dá a reforma dos conceitos desportivos, com a definição das regras para os jogos. A padronização dos regulamentos das disputas favorece a internacionalização do esporte. No fim do século XIX, há três linhas doutrinárias de atividade física: a ginástica nacionalista (alemã), que valoriza aspectos ligados ao patriotismo e à ordem; a ginástica médica (sueca), voltada para fins terapêuticos e preventivos; e o movimento do esporte (inglês), que introduz a concepção moderna de esporte e impulsiona a restauração do movimento olímpico, com o barão Pierre de Coubertin.

Esta última linha prevalece e leva à realização da primeira Olimpíada da Era Moderna em 1896, em Atenas. A primeira metade do século passado é marcada por um desenvolvimento lento do esporte. Duas guerras mundiais (1914/1918 e 1939/1945), a revolução comunista de 1917, o crack da Bolsa de Nova York em 1929 criam dificuldades em escala planetária para o treinamento de atletas, a realização de competições e viagens das equipes. Por causa das guerras mundiais, três edições dos Jogos Olímpicos foram canceladas - 1912, 1940 e 1944. Neste quadro de relativo marasmo, a Associação Cristã de Moços (ACM) se destaca nos Estados Unidos, criando novas modalidades esportivas - como o basquete e o vôlei - ou inovando com as concepções pioneiras de ginástica de conservação.

Na segunda metade do século XX, notadamente entre 1950 e 1990, o esporte é sacudido por uma nova realidade. A concepção do "Ideário Olímpico" e sua máxima de "o importante é competir" saem de cena. A Guerra Fria estimula o uso ideológico do esporte, colocando em segundo plano o fair play. A simples prática esportiva deixa de ser relevante, pois o que importa é o rendimento, o resultado. Inicia-se um rápido processo de profissionalização dos atletas, alçados à condição de estrelas da mídia e heróis nacionais. A corrida em busca de recordes e títulos faz com que organismos internacionais lancem manifestos denunciando a exacerbação da competição e alertando os governos para as novas responsabilidades do Estado no que se refere às atividades físicas.

Os textos destacam a necessidade de garantir à população em geral - e não apenas aos atletas - condições que levem à democratização do esporte. A última década do século passado revela a aceleração das mudanças na prática esportiva. Consolida-se a idéia de esporte como direito de todos (previsão legal está também expressa no texto legal da Constituição Federal Brasileira de 1988).

Grupos até então pouco atendidos na questão da atividade física ganham mais atenção.

Dois exemplos de tal transformação são a terceira idade e a pessoa portadora de deficiência. Amplia-se o próprio conceito de esporte, desmembrado em esporte-participação (lazer) e esporte de rendimento (competição). O papel do Estado também se altera. Ele deixa de apenas tutelar as atividades esportivas. Passa a investir em recursos humanos e científicos. Além disso, no campo do alto rendimento, dá atenção especial às questões éticas, como o combate ao doping.

No caso do esporte de alto rendimento, percebe-se o avanço da lógica mercantilista. Provas, partidas e torneios são espetáculos; atletas, produtos em exibição. Equipes de futebol, atletismo, vôlei ou basquete funcionam como uma espécie de grande

companhia artística, com astros (atletas) milionários e shows (partidas ou provas) que mobilizam a mídia e o público. Estimuladas pela cobertura das TVs, novas modalidades ganham importância. Os chamados esportes radicais (surfe, skate, kitesurf, bicicross, motocross, entre outros) proporcionam imagens de impacto e conquistam novos fãs a cada dia. Além disso, multiplicam-se os "esportes-filhotes", derivações de modalidades amplamente difundidas. Vôlei de praia, futsal e beach soccer são alguns exemplos do fenômeno.

No século XVIII é quando surgem as bases dos conceitos modernos do esporte de hoje. Até o Século XIX, porém, tudo o que se entendia como esporte era a Educação Física sistematizada. Foi quando em Oxford, na Inglaterra, iniciou-se o processo de reforma estrutural dos conceitos desportivos, surgindo então as primeiras regras definidas de jogos. Logo depois, houve a internacionalização deste conceito, quando nasceu definitivamente o esporte moderno.

Não há dúvidas, que a prática esportiva além de conseguir transmitir a idéia de competição educadora através dos resultados de vitória e de derrota, é uma prática saudável para o corpo humano, recomendada em muitos casos até mesmo por médicos em tratamentos de inúmeras doenças.

Fazendo-se um liame entre o esporte e o segmento LGBT, é imperioso que se diga, num primeiro momento, que, esta população, ao longo dos séculos tem sofrido todas as espécies de preconceito, discriminação e diferenciação, notadamente através dos chamados *crimes de ódio*. Para evitar-se tautologia, apenas digamos que são necessárias que ações efetivas e afirmativas sejam feitas para dar visibilidade a essa população e que de alguma forma, consiga-se, numa sociedade democrática, ofertar-se alguma espécie de prática que além de inclusão, vise a oferecer aos seus participantes o espírito de equipe, disciplina e uma boa qualidade de vida.

Além da integração da sociedade em geral, a Liga Estadual LGBT de Vôlei, provocado pela sociedade civil, organizado por membro atletas de equipes organizadas, mas com o apoio pelo Poder Público e parceiros em geral, geram a visibilidade e protagonismo do Órgão Estatal que apoia a ideia de modo que a Cidade, Estado ou País que é sede deste tipo de competição além de integrar-se à causa LGBT e promover a mesma, torna-se referência no segmento esportivo e social.

Na mesma oportunidade também é possível a realização de atividades paralelas, como a divulgação de campanhas, entrega de material informativo de projetos e trabalhos destinados a essa população, bem como a distribuição gratuita de preservativos, em parceria com as Secretarias Municipal e/ou Estaduais de Saúde, que também contém políticas públicas voltadas ao combates de doenças, haja vista, a grande presença de público e da população LGBT de todo o Estado do Rio Grande do Sul. Também será possível a divulgação de projetos de segurança pública que envolvem a população LGBT e os serviços de atendimento envolvendo os Direitos Humanos.

Necessário assim, para realização deste evento, a aquisição de medalhas e troféus, para premiação das equipes que participarão dos Jogos, contratação de arbitragem e cedência de ginásios, e, segundo os motivos acima expostos, justificam o investimento necessário do Poder Público para tal evento, bem como, o apoio dos organizadores e colaboradores. Não se descarta, contudo, a possibilidade de apoio da iniciativa privada para a consecução das metas do projeto, através de apoio financeiro.

Importante dar relevo, ao fim, que a divulgação nas mídias sociais e na imprensa local e estadual fortalecerão os objetivos e metas do presente projeto.

8 - Resultados previstos pelo Projeto – Metas:

- a- Proporcionar visibilidade à população LGBT do Estado do Rio Grande do Sul, através de competições esportivas, com grande repercussão em veículos de comunicação;
- b- Promover melhor qualidade de vida ao segmento LGBT;
- c- Melhorar a integração entre a sociedade civil organizada LGBT do Estado do Rio Grande do Sul e o Poder Público Municipal;
- d- Propiciar o combate às práticas discriminatórias, em especial, à homofobia;
- e- Realizar coleta de dados para formação e relatório quantitativa e qualitativo de presença no evento.

9- Organograma

Data de Realização dos Jogos da Liga (Início: 19/05/2019- Etapas: terceiro domingo de cada mês até dezembro de 2019 -Sujeito a alteração, conforme disponibilidade do local)

Modalidade Voleibol- Naípe Masculino - Manhã e Tarde

Local: COM- Centro Olímpico Municipal- Canoas/RS/ SESC Protásio Alves/ SEC Navegantes/ Ginásio São Luis-Canoas/RS.

10- Orçamento

Item /Quantidade/ Valores (R\$)

Medalhas/ 50 / R\$ 250,00

Troféus / 6 / R\$ 100,00

Arbitragem / 8 / R\$ 6.000,00

Material Gráfico/ Flyers (2000) R\$ 120,00; Banners (02) R\$ 160,00; Cartazes (40) R\$ 100,00; Faixas (10) R\$ 280,00; Camisetas (50) R\$ 750,00; Profissionais: (01) artista R\$ 100,00; (01) apresentador R\$ 100,00; Outras Despesas: Transporte/estadia R\$ 500,00; Sonorização (01) R\$ 300,00; Iluminação (05) R\$ 100,00; Decoração (01) 100,00; Alimentação (60) R\$ 200,00.

Total geral: R\$ 9.760,00

OBS 1: Preços de mercado conforme orçamentos em data de 10/12/2018.

OBS 2: Em caso de parcerias, haverá, automaticamente, a subtração de valores.

OBS 3: O nome do evento a ser postado nas mídias sócias e material gráfico, bem como mídia visual e TV, poderá ser alterado a qualquer momento, ou ainda, ser usado nome adequado à promoção do esporte voleibol.

OBS 4: Valor de Inscrição por equipe: R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais).

Canoas, 05 de dezembro de 2018.

São Luís Esporte Clube

Battel Force Vôlei

APÊNDICE C — Regulamento Superliga LGBT de Vôlei

REGULAMENTO OFICIAL SUPERLIGA LGBT DE VÔLEI/19

“Novos rumos e novos desafios para comunidade LGBT”

Realização: São Luís Esporte Clube – BATTEL FORCE VÔLEI

APRESENTAÇÃO

ARTIGO 1º- A SUPERLIGA LGBT é uma competição de voleibol, com o intuito de reunir e integrar as equipes de vôlei do Estado, tendo como organizador o time **Battel Force vôlei** em parceria com SESC Navegantes, a primeira etapa sendo realizada às 09h do dia 05 de maio do corrente, Local: Sesc Navegantes. O objetivo da Liga estadual LGBT de Vôlei é promover a integração, inclusão, aproximação e fomento desse segmento ligado à prática esportiva como forma de afirmação social, como meio também de combate a todos os tipos de preconceito, reafirmando-se assim os direitos de igualdade e dignidade da pessoa humana dentro do Estado Democrático de Direito.

ARTIGO 2º- É uma competição disputada anualmente de forma mista e exclusiva para pessoas LGBTQI+.

ARTIGO 3º- Em todas as ações concernentes à realização da SUPERLIGA, a equipe somente poderá ser representada, legitimamente, por seu presidente e/ou diretores estatutários ou por detentor de procuração com poderes especiais expressos.

ARTIGO 4º-As competições do **I SUPERLIGA LGBT** de voleibol serão regidas pelas normas da FIVB (Federação Internacional de Voleibol) e tendo a complementação deste regulamento.

Cabe aos participantes a obrigação de conhecê-las e cumpri-las.

DAS INSCRIÇÕES, CARACTERIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DOS ATLETAS

ARTIGO 1º As equipes são obrigadas a disputar a competição até o seu final, sob pena de exclusão, além das demais sanções legais, previstas neste regulamento.

ARTIGO 2º- É uma competição disputada anualmente de forma mista e exclusiva para pessoas LGBTQI+.

ARTIGO 3º- Em todas as ações concernentes à realização da SUPERLIGA, a equipe somente poderá ser representada, legitimamente, por seu presidente e/ou diretores estatutários ou por detentor de procuração com poderes especiais expressos.

§1º- Para confirmação das vagas, as equipes devem apresentar: ▪ Ficha Cadastral com os dados da equipe (Nome e número do RG) ▪ Efetuar o pagamento da taxa de inscrição no valor de R\$ 450,00 reais via depósito bancário na conta:xxxxxx-xxxx, o comprovante será enviado via e-mail ou whatsapp para a coordenação.

§3º- A documentação estabelecida no §1º acima, deverá ser entregue no link disponibilizado aos diretores de cada equipe até às 23:59h do dia **30/04/2019**. A não confirmação dos documentos solicitados até a data prevista, ocasionará na não participação da equipe no campeonato.

§4º- Toda documentação será analisada pela COMISSÃO ORGANIZADORA, que caso identifique alguma irregularidade, comunicará a respectiva Equipe, solicitando adequações, além de torná-la passível a punições.

§5º- Após o recebimento da comunicação do §4º, caso houver, a equipe terá o prazo de 01 (um) dia corrido para sanar a irregularidade ou apresentar defesa.

§6º- Após a análise da nova documentação ou defesa encaminhada, a Comissão Organizadora, definirá, formalmente, em relação a participação da equipe na SUPERLIGA e esta será comunicada, em seguida.

Parágrafo único - **Uma vez inscrita, não haverá reembolso do valor pago pela inscrição em caso de desistência da mesma.**

ARTIGO 4º- Todas as equipes participantes do SUPERLIGA reconhecem que a Comissão Organizadora é a detentora de todos os direitos referentes a esta edição e das receitas provenientes de seu licenciamento, inclusive, mas não se limitando os de captação, fixação e transmissão das partidas.

ARTIGO 5º A EQUIPE QUE SE INSCREVER E CANCELAR SUA PARTICIPAÇÃO, DESISTIR OU NÃO COMPARECER NA COMPETIÇÃO, ESTARÁ IMPEDIDO DE PARTICIPAR DE QUALQUER JOGO OFICIAL DA EDIÇÃO, ALÉM DE RESPONDER PELOS PREJUÍZOS FINANCEIROS QUE CAUSAR A SEUS ADVERSÁRIOS, À COMISSÃO ORGANIZADORA OU A QUALQUER DOS RESPONSÁVEIS PELOS PAGAMENTOS DAS DESPESAS DO CAMPEONATO, SEM PREJUÍZO DAS MEDIDAS DISCIPLINARES E JUDICIAIS CABÍVEIS.

6º Não serão aceitos nas equipes atletas menores de idade, salvo este portador de autorização expressa de seus pais ou responsáveis diretos com documentação autenticada em cartório.

§1º Os atletas ao efetuarem suas inscrições como participantes dos jogos aceitam e concordam com a veiculação de seus **NOMES** e suas **IMAGENS** nas mídias impressas, televisivas e ou sites.

ARTIGO 7º A equipe que não comparecer no dia do congresso técnico e não apresentar a documentação descrita no artigo 3º §3º, não será inscrita para efeito de sorteio. Vale ressaltar que o pagamento da inscrição deverá ser feito via depósito bancário. Nenhuma equipe poderá representar outra equipe, salvo se a equipe representante efetuar o pagamento em espécie da equipe representada. Não haverá devolução da taxa de inscrição à equipe que não tenha comparecido ao congresso.

§1º Cada equipe será formada por 18 (dezoito) atletas titulares, podendo haver inscrição de mais 1 (um) técnico e 1 (um) auxiliar técnico.

ARTIGO 8º Um atleta somente poderá atuar por uma única equipe, ficando proibida inscrição de um mesmo atleta por mais de uma equipe.

§1º Tendo sido detectado pela coordenação dos jogos que um mesmo atleta atuou por mais de uma equipe, qualquer que seja o motivo, ambas as equipes incluídas na infração serão automaticamente desclassificadas e o atleta em questão suspenso do campeonato.

§2º O atleta que for suspenso mediante parágrafo primeiro deste artigo, ficará sujeito ao pagamento de multa a ser definida pela coordenação da SUPERLIGA a fim de ter o direito de atuar nas próximas edições dos jogos.

ORGANIZAÇÃO

ARTIGO 1º A Comissão Organizadora contribuirá na organização e administração, zelando, sempre, pela segurança e pelos trâmites burocráticos, conforme segue:

§1º - Indicar delegados, árbitros, juizes de linha, controladores de líbero e apontadores para avaliação e composição no quadro nacional.

§2º - Firmar protocolo de procedimentos referentes às equipes de sua jurisdição, pertinentes à Regulamentação SUPERLIGA e organização das partidas.

ARTIGO 2º - Na elaboração da tabela será levado em consideração, a quantidade de equipes, a disponibilidade de quadras, equipe de arbitragem e receitas adquiridas.

ARTIGO 3º - É expressamente vedada a transferência de horários, datas e locais de jogos depois da publicação da tabela, salvo as seguintes exceções:

§1º - Interdição do ginásio.

§2º - Os casos não previstos acima serão decididos pela Comissão Organizadora.

ARTIGO 4º - Os atletas no momento da entrada na quadra deverão apresentar a credencial emitida pela coordenação dos jogos ao mesário para que seja feita a devida conferência em todos os jogos da equipe.

ARTIGO 5º - Não serão permitidas abordagens nos banheiros, uso de drogas, meios ilícitos, roubos, furtos, etc., por atletas que estiverem participando das competições e comunidade em geral.

ARTIGO 6º - O dirigente, técnico, atleta, ou qualquer outro membro da comissão técnica de uma equipe que ferir as normas regulamentares, disciplinares, ética desportiva e, ainda, desrespeitar a coordenação do evento será automaticamente eliminado dos jogos e suspenso por dois anos. O mesmo só retornará mediante ao cumprimento de sua suspensão.

ARTIGO 7º Em hipótese alguma os mesmos poderão impugnar a equipe de arbitragem designadas pela coordenação dos jogos e nenhuma equipe poderá questionar ou protestar contra a equipe que esteja liberada pela Coordenação.

ARTIGO 8º - Os atletas que participarem de rixa, conflito (agressão física), entre outros nos locais de jogos, serão punidos conforme especificado neste regulamento, assim como assumir atitude contrária a disciplinar ou ética desportiva, isoladamente ou em relação a um componente de sua equipe, da equipe adversária, de um espectador ou

de um integrante de qualquer poder dos jogos. PENA – Suspensão de 1 (um) a 5 (cinco) jogos.

Agressão física contra os árbitros, coordenação, membros e seus auxiliares:
Eliminação da SUPERLIGA LGBT DE VÔLEI.

Ofender moralmente o árbitro e seus auxiliares: Suspensão de 1 (um) a 5 (cinco) jogos.
Agressão física contra o companheiro de equipe ou componentes da equipe adversária:
Eliminação da SUPERLIGA LGBT DE VÔLEI.

ARTIGO 9º Os jogos da **SUPERLIGA LGBT DE VÔLEI** são de inteira responsabilidade da Comissão Organizadora e, se, por acaso houver alguma irregularidade não percebida pela comissão, qualquer representante de equipe poderá entrar com recurso verbal junto à Comissão Organizadora após o término da partida, podendo então adquirir instruções em caso de necessidade de entrar com recurso por escrito (prazo de 48h após a partida). Chamaremos o representante da equipe protestada a fim de preparar sua defesa, caso haja necessidade. Mas, lembramos que toda e qualquer decisão tomada de acordo com o Regulamento Vigente, será final, irrecorrível e de inteira responsabilidade da Comissão Organizadora do Campeonato.

DAS PERMISSÕES

ARTIGO 1º - Uma vez que a **SUPERLIGA LGBT DE VÔLEI** configura uma verdadeira festa de descontração e alegria, é permitido aos atletas os deboches e a frescura, desde que não se utilize palavreado de baixo calão, nem gestos obscenos, agressões física ou moral que venha denegrir a integridade do atleta como racismo ou ofensas morais.

Parágrafo único – Os “afrontes e deboches” mencionados neste artigo restringem-se ao limite da quadra de cada equipe e não inclui o contato físico de nenhuma natureza com o adversário, na hora de recuperação da bola do lado oposto ou quando houver desequilíbrio na hora de atacar e passar para o outro lado. O mesmo tem que voltar para seu lado, depois pode afrontar à vontade, debochar nos limites que o regulamento lhes permite respeitando também o público presente.

DAS PREMIAÇÕES

ARTIGO 1º As premiações do evento serão feitas através de troféus e medalhas estipulados pela coordenação.

§1º Serão condecorados com premiação individual os atletas que mais se destacarem nos seguintes fundamentos:

- Saque;
- Passe;
- Levantamento;
- Ataque;
- Bloqueio;
- Defesa;
- Atleta revelação;
- Atleta mais irreverente

SISTEMA DE JOGOS

ARTIGO 1º Haverá tolerância de 15 (quinze) minutos **SOMENTE** para o primeiro jogo do dia o que não isenta as equipes das demais partidas de chegarem no horário marcado para este primeiro jogo, estando inclusive, sujeitas à aplicação de W.O por sua ausência, na hipótese de o jogo anterior não ter sido realizado.

ARTIGO 2º - A equipe (atletas, técnico, auxiliar técnico e todos os envolvidos com o time) que não comparecer ao jogo e tendo passado o tempo de tolerância, perderá a partida por W.O.

ARTIGO 3º - Somente poderão adentrar em quadra atletas devidamente uniformizados, com blusas numeradas tanto na parte anterior como na parte posterior (frente e costa) com numeração livre. As cores dos equipamentos ficarão a critério da equipe.

Parágrafo Único – Não será permitido a qualquer atleta se dispor de outra vestimenta senão aquela aqui descrita e ainda seja qual for o motivo que o leve a solicitar tal exceção, nem utilizar quaisquer acessórios, como por exemplo, boné, pulseira ou relógios.

ARTIGO 4º- Permanecerão em quadra somente atletas que irão disputar a partida, excetuando-se um técnico e seu auxiliar, caso o mesmo possua, os mesmos deverão estar previamente inscritos e não podendo dirigir a sua equipe de sandália ou descalço. Podendo ser tênis, meia, bermuda e blusa. Como também não serão permitidos atletas ou técnicos fumar durante o seu jogo ou mesmo nos intervalos, podendo ser advertidos caso descumpra este regulamento.

ARTIGO 5º - Os atletas no momento da entrada na quadra deverão apresentar a credencial emitida pela coordenação dos jogos ao mesário para que seja feita a devida conferência em todos os jogos da equipe.

ARTIGO 6º- Serão advertidos com cartão amarelo os atletas que assumirem comportamento antidesportivo (anti-jogo), retardando o jogo, utilizando palavreado de baixo calão, instigando a agressão física dos componentes da mesma equipe, da equipe adversária, do árbitro da partida, mesário e/ou membros da coordenação dos jogos. Assim como a utilização de gestos obscenos ou ofensas aos adversários por racismo e outros. Havendo reincidência de tal comportamento, o atleta ou membro da comissão técnica do time em questão sofrerá severa punição podendo até ficar de fora das competições por um período de 2 (dois) anos.

§1º – A ocorrência de um cartão amarelo acarretará ao atleta a suspensão do mesmo para o jogo subsequente, ganho de vantagem e por consequência o ponto à equipe adversária.

§2º – A ocorrência de duas advertências com cartão amarelo ao mesmo atleta acarretará sua expulsão da partida. Se for agravante será excluído do campeonato, sendo penalizado com suspensão por 2 (dois) anos ou o seu desligamento do campeonato.

Art. 22º - As decisões do primeiro árbitro serão únicas, irrevogáveis e incontestáveis, devendo ser acatadas e respeitadas pelas equipes, por mais inconsistentes que possam parecer.

DAS PERMISSÕES

Art. 29º - Uma vez que o **I LIGA DE VÔLEI LGBT 4X4** configura uma verdadeira festa de descontração e alegria, é permitido aos atletas os deboches e a frescura, desde que não se utilize palavreado de baixo calão, nem gestos obscenos, agressões física ou moral que venha denegrir a integridade do atleta como racismo ou ofensas morais.

Parágrafo único – Os “frescas e deboches” mencionados neste artigo restringem-se ao limite da quadra de cada equipe e não incluir o contato físico de nenhuma natureza com o adversário, na hora de recuperação da bola do lado oposto ou quando houver desequilíbrio na hora de atacar e passar para o outro lado. O mesmo tem que voltar para seu lado, depois pode ficar à vontade, debochar nos limites que o regulamento lhes permite respeitando também o público presente.

DAS PREMIAÇÕES

Art. 30º - As premiações do evento serão feitas através de troféus e medalhas estipulados pela coordenação.

Art. 31º- Serão condecorados com premiação individual os atletas que mais se destacarem nos seguintes fundamentos:

- | | |
|-----------------|---------------------------|
| ● Saque; | ● Bloqueio; |
| ● Passe; | ● Defesa; |
| ● Levantamento; | ● Atleta mais irreverente |
| ● Ataque; | |

DA SOLENIDADE DE ABERTURA

ARTIGO 1º As equipes deverão (**obrigatoriamente**) desfilar na solenidade de abertura, no mínimo com 6 (seis) atletas e com as bandeiras dos times. **O Evento se realizará no dia 04/05/2019 às 19h no Ginásio do Sesc Navegantes.**

Vale ressaltar que este item será obrigatório e o descumprimento do mesmo acarretará em multa no valor de R\$ 50,00 reais.

Parágrafo Único – A equipe que descumprir o item mencionado no Artigo 1º deste capítulo, só poderá entrar em quadra mediante pagamento da multa.

ARTIGO 2º Os casos omissos deste regulamento serão resolvidos pela Comissão organizadora da **I SUPERLIGA LGBT DE VÔLEI**. Informamos aos atletas e dirigentes que toda e qualquer decisão tomada pela coordenação será **irrevogável**. Não caberá recurso judicial sobre os artigos deste regulamento, pois a competição é particular.

Aceitando todas as condições propostas neste regulamento, poderá ser efetuada automaticamente a inscrição para participação nos jogos. Este regulamento entra em vigor na data de sua aprovação e sua vigência será por tempo indeterminado.

DISPOSIÇÕES FINAIS

ARTIGO 49- A equipe do BATTLEFORCE, representante da COMISSÃO ORGANIZADORA da SUPERLIGA LGBT DE VÔLEI por ser anfitrião do campeonato, encontra-se garantida para a participação no evento, sendo cabeça de chave do

GRUPO A. Os demais cabeças de chave serão definidos mediante SORTEIO PRÉVIO, bem como a composição dos grupos, que respeitará, também, a ordem indicada em SORTEIO.

Porto Alegre _____ de _____ 2019

**SÃO LUÍS ESPORTE CLUBE
BATTEL FORCE VÔLEI
COORDENAÇÃO DA SUPERLIGA LGBT DE VÔLEI**

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL
IFRS CAMPUS RESTINGA
SUPERIOR EM TECNOLOGIA EM GESTÃO DESPORTIVA E DO LAZER

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor:

Você está sendo respeitosamente convidado a participar do projeto de pesquisa intitulado: "DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO E O MERCADO ESPORTIVO: EVENTOS PARA O PÚBLICO LGBT+", cujos objetivos são: investigar sobre a organização e divulgação de eventos esportivos para o público LGBT+, analisar de que forma a diversidade sexual e de gênero é promovida no mercado esportivo e refletir sobre a importância da diversidade no esporte. Este projeto está vinculado a graduação. A pesquisa será feita através de entrevista, que poderá ser gravada e/ou filmada, após minha autorização. Para a coleta de dados será utilizado gravador de voz.

Eu _____, portador do documento de identidade (NÚMERO), aceito participar da pesquisa intitulada: "Diversidade sexual e de gênero e o mercado esportivo: eventos para o público LGBT+". Fui informado dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como sobre a metodologia que será adotada, sobre os riscos e benefícios envolvidos. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Uso de imagem/gravação

Autorizo o uso de minha voz para fins da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora